

MOVIMENTO DE QUANTIFICADORES EM PORTUGUES

por

ANILCE MARIA SIMÕES

Dissertação submetida ao Departamento de Linguística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para o Grau de Mestre em Linguística.

CAMPINAS

1974

Ao prof. Dr. ANTONIO CARLOS QUICOLI ,
pela orientação segura e supervisão des-
ta pesquisa;

À Profa. Dra. ANGELA VAZ LEÃO ,
pelo apoio em minha vida profissional e
incentivo constante aos meus estudos;

Ao Prof. Dr. ARYON DALL'IGNA RODRIGUES ,
pela ajuda inestimável durante o meu
Curso de Mestrado;

Aos colegas de Curso, pelas discussões
proveitosas, de que resultaram valiosas
sugestões;

A todas as outras pessoas que, direta ou
indiretamente, contribuíram para a rea -
lização deste trabalho,

o meu reconhecimento.

Os meus agradecimentos especiais à
COORDENAÇÃO DO APERFEIÇOAMENTO DE
PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES),
que, concedendo-me bolsa de estu -
dos (processo nº. 10 568/71), du -
rante meu Curso de Mestrado, tor -
nou possível a elaboração des -
ta pesquisa.

Aos meus pais

MOVIMENTO DE QUANTIFICADORES EM PORTUGUÊS

RESUMO

Este trabalho é uma tentativa de descrição e análise da distribuição do quantificador todos (e suas outras formas) em português, sob o ponto de vista da gramática gerativa, como esboçada em Chomsky (1965) - Aspects of the Theory of Syntax, The M.I.T. Press, Cambridge, Mass. Em primeiro lugar, é examinada a proposta de Richard Kayne (1969) - em The Transformational Cycle in French Syntax, The M.I.T. Press, Cambridge, Mass - para descrever fatos paralelos do francês. Argumenta-se que, ao contrário do que Kayne propõe para o francês, onde são necessárias duas regras de movimento, em português há motivação para apenas uma: POSPOSIÇÃO DE QUANTIFICADOR (POS-Q). A seguir, são feitas várias observações a respeito da ocorrência de todos em diversos tipos de estruturas, para determinar as características de POS-Q. São ainda estudados casos de aparecimento do quantificador em suas outras formas, associado a Adjetivos, Verbos, etc, e as diferenças semânticas daí decorrentes. Argumenta-se também que certos fatos envolvendo estes quantificadores constituem evidência empírica em favor da existência de um nível de Estrutura Profunda, sintática, do tipo proposto pela teoria standard; além disso, regras de interpretação semântica devem atuar, não apenas levando em conta a Estrutura Profunda (sintática), mas também ao nível da Estrutura Superficial, como proposto recentemente em Chomsky (1971) "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation".

Autor: ANILCE MARIA SIMÕES

Orientador: ANTÔNIO CARLOS QUICOLI

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 5 |
| NOTAS | 8 |
| 1- Movimento de Quantificadores em Francês | 9 |
| 1.1- Evidências para R-TOUS | 9 |
| 1.2- Evidências para L-TOUS | 14 |
| 1.3- Semelhanças e Contrastes entre R-TOUS e L-TOUS | 25 |
| NOTAS | 29 |
| 2- Movimento de Quantificadores em Português | 30 |
| 2.1- A Regra R-TOUS | 31 |
| 2.2- A Regra L-TOUS | 42 |
| 3- A Regra de POSPOSIÇÃO DE QUANTIFICADOR (POS-Q) em Português | 57 |
| 3.1- R-TOUS e POS-Q: uma Análise Comparativa | 58 |
| 3.2- POS-Q em Estruturas com Verbos Transitivos e Intransitivos | 67 |
| 3.3- POS-Q em Estruturas com Intensificadores | 77 |
| 3.4- POS-Q em Estruturas com Cópulas | 82 |
| 3.5- A Regra POS-Q: Caracterização | 90 |
| NOTAS | 94 |
| 4- Problemas Adicionais de Posição do Quantificador em Português | 98 |
| 4.1- 'Todos' Associado a Adjetivos | 98 |

| | |
|---|-----|
| 4.2- 'Todos' Associado a Verbos | 107 |
| 4.3- 'Todos', no Singular | 115 |
| 4.4- Outros Casos de Posição de 'Todos' | 123 |
| 4.5- O 'Todo' Indefinido | 130 |
| NOTAS | 136 |
| | |
| CONCLUSÃO | 141 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA | 147 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma tentativa de descrição e análise da distribuição do quantificador todos (e suas outras formas) em português, dentro da linha gerativo-transformacional. Mais especificamente, será discutida uma proposta relativa ao mecanismo das transformações, dentro do componente sintático da gramática. Com base no estudo da ocorrência do quantificador tous (fem. toutes) em francês - feito por Richard Kayne¹, em uma das seções de sua dissertação - e depois de examinar uma série de fatos equivalentes em português, acabamos por reconhecer a necessidade de se postular, também nesta língua, uma regra de movimento de todos - que convencionamos denominar POSPOSIÇÃO DE QUANTIFICADOR (POS-Q); a maior parte deste trabalho se ocupa da investigação de POS-Q, tentando determinar, em alguns detalhes, seu funcionamento. Além disso, são também explorados outros fatos envolvendo o elemento em questão, não abrangidos pela regra, proposta para explicar as várias ocorrências do quantificador gerado como parte da estrutura do determinante de NP's plurais.

No capítulo 1, faz-se uma exposição das linhas básicas da análise de Kayne para o francês, com respeito à distribuição de tous (fem. toutes); ele formula a teoria de que, para dar conta de estruturas superficiais francesas em que aparece tal quantificador, tem-se de admitir a existência de duas regras transformacionais de movimento, uma para a direita e outra para a esquerda. E já que esta hipótese é tomada como ponto de partida para o estudo de fatos do português, preocupamo-nos em apresentar os argumentos que ele encontra para justificar sua posição.

Depois de comentar os pontos mais importantes da

análise de Kayne, examinamos dados do português, paralelos aos que foram vistos no francês, com o objetivo de verificar a possível adequação de tal análise para cobrir os casos de sentenças gramaticais portuguesas com o quantificador todos. O capítulo 2 discute, assim, a validade da proposta de Kayne para o português, explorando os fatos relevantes, tentando demonstrar se os argumentos, postulados para justificar a existência de duas regras de movimento de quantificador em francês, também se seguem no português. Esta investigação traz alguns resultados significativos e torna possível chegar a certas conclusões parciais. Em primeiro lugar, torna-se evidente que também no português haverá necessidade de se estabelecer uma regra de movimento de todos para a direita - a que damos o nome de POSPOSIÇÃO DE QUANTIFICADOR (POS-Q) - se quisermos explicar adequadamente as várias ocorrências do elemento em sentenças gramaticais. Por outro lado, não encontramos nenhum paralelo entre o francês e o português, no que diz respeito ao comportamento das duas línguas com relação à regra L-TOUS ("leftward 'tous' - movement"), que, segundo Kayne, dá conta de casos em que tous se move para esquerda.

O capítulo 3 detém-se no estudo de POS-Q, procurando estabelecer as suas características. Nesta seção, tratamos de sentenças do português não equivalentes às que Kayne explora, relevantes para determinar aspectos do funcionamento de POS-Q. Assim sendo, são discutidos diversos tipos de estruturas com o quantificador todos - parte do determinante de NP's plurais - com o objetivo de mostrar suas possibilidades de deslocamento em tais estruturas. Terminamos por sugerir uma possível apresentação de POS-Q em termos formais.

Ainda numa tentativa de explorar o movimento de todos em sentenças portuguesas, no capítulo 4 são comentados exemplos em que o item de que tra-

tamos aparece acompanhando adjetivos, ou relacionado ao verbo, com significações diversas. Serão consideradas algumas sugestões quanto aos nódulos sob que o quantificador será gerado, sem se pretender, no entanto, solucionar os problemas que se levantarem no decorrer do trabalho.

Apenas serão debatidas questões relativas às posições várias que o elemento pode ocupar em estruturas superficiais do português e às diferenças semânticas daí decorrentes. Não é nosso objetivo encontrar soluções definitivas para os problemas que descobriremos; mostraremos fatos interessantes envolvendo o quantificador todos, quase como um levantamento de dados que poderão servir como base para pesquisas a serem realizadas futuramente.

A última seção fará uma síntese dos tópicos mais importantes tratados no decorrer da dissertação, procurando ressaltar as conclusões parciais a que chegarmos, depois do exame dos dados relevantes.

Resta reafirmar que o interesse maior deste trabalho é o de investigar as possibilidades de deslocamento do quantificador todos gerado como parte da estrutura do determinante de NP's plurais, em sentenças gramaticais portuguesas, com a finalidade de estabelecer uma hipótese quanto à formulação de uma regra transformacional de movimento; tal regra tentará explicar a distribuição de todos em estruturas superficiais da língua.

NOTAS

¹Kayne, Richard (1969) The Transformational Cycle
in French Syntax. The M.I.T. Press, Cambridge,
Mass. Cap. 1

1- Movimento de Quantificadores em Francês

Em uma das seções de sua dissertação, Richard Kayne (1969)¹ observa e descreve o comportamento do quantificador tous (fem. toutes), em uma série de sentenças do francês, procurando explicar a sua distribuição.

Ele argumenta em favor de uma análise segundo a qual tous é gerado na estrutura profunda como parte da estrutura do determinante de NP's plurais; e para justificar a relativa liberdade de ocorrência do elemento em sentenças do francês, seriam postuladas duas regras opcionais de movimento: uma para a direita - R-TOUS ("rightward 'tous'-movement") - e outra para a esquerda - L-TOUS ("leftward 'tous' - movement").

1.1- Evidências para R-TOUS

Em seu trabalho, Kayne apresenta vários argumentos em favor de uma regra que desloca o quantificador tous para a direita do nome a que se associa - R-TOUS.

A primeira evidência é baseada em fatos como os que se observam em:

- (1) Tous les garçons sont partis à la guerre.
Todos os rapazes partiram para a guerra.²
- (2) Les garçons sont tous partis à la guerre.
Os rapazes partiram todos para a guerra.
- (3) Les garçons sont partis tous à la guerre.
Os rapazes partiram todos para a guerra.

Ele reconhece que são gramaticais sentenças em que o quantificador, associado a uma mesma NP sujeito, aparece, ora fazendo parte de tal NP - como em (1) -, ora em outras posições - como em (2) e (3), em que tous está à direita da NP sujeito 'les garçons', a que se liga. Assim, Kayne afirma que ambas seriam derivadas de uma estrutura semelhante a (1):

(1) Tous les garçons sont partis à la guerre.

através da aplicação de uma regra de movimento, que desloca o quantificador da NP a que pertence, colocando-o à direita de sua posição inicial. Tal regra - a que dá o nome de R-TOUS - é de aplicação opcional; assim se explica a gramaticalidade de (1), que apresenta o quantificador em sua posição básica.

Ainda observando o comportamento de tous associado a NP's sujeito no plural, Kayne indica uma restrição a que ele deve obedecer, para a gramaticalidade da sentença: se ligado a uma mesma NP, só pode ocorrer uma vez, nunca em mais de uma das várias posições nas sentenças. Assim se justificariam os seguintes fatos:

(4) *Tous les garçons sont tous partis à la guerre.

*Todos os rapazes todos partiram para a guerra.

(5) *Tous les garçons sont partis tous à la guerre.

*Todos os rapazes partiram todos para a guerra.

(6) *Les garçons sont tous partis tous à la guerre.

*Os rapazes partiram todos todos para a guerra.

Em tais sentenças, tous aparece mais de uma vez, ligando-se à mesma NP 'les garçons'; por isso, são não-gramaticais.

Kayne também se preocupa em estabelecer a ordem de aplicação de R-TOUS com relação a PASSIVA. Isto porque esclarecimentos a respeito serão necessários para resolver fatos envolvendo sentenças como:

(7) Les garçons ont tous embrassé la fille.

Os rapazes abraçaram, todos, a moça.

(8)*La fille a tous été embrassée par les garçons.

*A moça foi todos abraçada pelos rapazes.

Em (7), R-TOUS se aplicou; a sentença é ativa e gramatical. Aplicando-se PASSIVA a (7), obtém-se (8) não-gramatical. O caso (8) comprova que um sujeito de estrutura profunda (tous les garçons, no exemplo), que foi movido de lugar pela transformação de PASSIVA, não pode ter o quantificador deslocado de sua posição. Tais fatos levam Kayne a postular que R-TOUS deverá seguir PASSIVA, para impedir resultados não-gramaticais. Se a ordem é PASSIVA e depois R-TOUS, (8) não será gerada.

Além disso, assim se explicariam também:

(9)*La fille a tous embrassé les garçons.

*A moça todos abraçou os rapazes.

(10) Les garçons ont tous été embrassés par la fille.

Os rapazes foram todos abraçados pela moça.

A sentença (9) é evidência de que uma NP objeto na estrutura profunda não pode ser associada a um tous ocorrendo livremente. Mas se se aplica PASSIVA, esta NP objeto, agora transformada em sujeito da estrutura superficial, pode sofrer a ação de R-TOUS e

o resultado é correto. A gramaticalidade de (10) comprova tal afirmação.

Kayne aponta ainda que R-TOUS envolve uma generalização interessante, uma vez que poderia ser entendida para explicar também a distribuição de chacun, em sentenças do francês.

Ele demonstra que, paralelas a:

(1) Tous les garçons sont partis à la guerre.

(2) Les garçons sont tous partis à la guerre.

(4)*Tous les garçons sont tous partis à la guerre.

existem:

(11) Chacun des garçons a embrassé la fille.

Cada um dos rapazes abraçou a moça.

(12) Les garçons ont chacun embrassé la fille.

Os rapazes abraçaram cada um a moça.

(13)*Chacun des garçons a chacun embrassé la fille.

*Cada um dos rapazes abraçou cada um a moça.

As sentenças (11) e (12) provam que, assim como tous, chacun pode ser associado a uma NP sujeito. Em particular, (12) evidencia que este elemento também pode mover-se para a direita da NP a que se liga. Kayne argumenta, então, que (12) seria derivada de uma estrutura semelhante a (11), através da aplicação de uma regra como R-TOUS. Já o exemplo (13) comprova que chacun também deve obedecer a uma restrição básica, como tous: só pode ocorrer uma vez, se associado a uma mesma NP. Daí mais uma razão para englobar tous e chacun num grupo só, podendo ambos sofrer a aplicação de uma mesma regra de movimento, que continua

sendo denominada R-TOUS.

Os fatos observados com relação a PASSIVA e R-TOUS são igualmente paralelos para chacun, conforme se demonstra em:

(14)*La fille a chacun embrassé les garçons.

*A moça cada um abraçou os rapazes.

(15) Les garçons ont chacun été embrassés par la fille.

Os rapazes foram cada um abraçados pela moça.

A sentença (14), a exemplo de (9):

(9)*La fille a tous embrassé les garçons.

atesta que, quando chacun se associa a uma NP objeto de estrutura profunda, não terá liberdade de ocorrência. No entanto, depois que PASSIVA se aplica e tal NP objeto se torna sujeito, então chacun poderá deslocar-se para a direita, através de R-TOUS e o resultado será gramatical como (15).

Ainda discutindo o aparecimento de chacun em estruturas francesas, Kayne refere-se a restrições de seleção que deverão ser estabelecidas para bloquear a geração de sentenças não-gramaticais, com verbos que são restritos quanto à natureza da NP objeto com que podem ocorrer. Assim, como exemplo típico:

(16)*Paul a comparé chacun de ces deux auteurs.

*Paul comparou cada um destes dois autores.

(17)*Chacun de ces deux auteurs a été comparé par Paul.

*Cada um destes dois autores foi comparado por Paul.

A sentença (16) será eliminada já ao nível de estrutura profunda, por uma espécie de restrição de seleção, associada ao verbo comparer, dependendo da composição de traços de sua NP objeto. Estas restrições são espelhadas na passiva: então, (17) será bloqueada automaticamente como passiva de uma estrutura profunda impossível. E (18):

(18)*Ces deux auteurs ont chacun été comparés
par Paul.

*Estes dois autores foram cada um comparados
por Paul .

será também excluída, desde que só poderia ter surgido através da aplicação de R-TOUS à estrutura subjacente à não gramatical (17); mas tal estrutura já terá sido assinalada como incorreta, ao tempo da inserção lexical. Portanto, as sentenças (16)-(18) seriam evitadas a partir da simples postulação das restrições seletivas de verbos como comparer.

Kayne conclui, então, que há uma regra transformacional R-TOUS, que desloca tous e chacun para a direita, para fora das NP's sujeito a que pertencem.

1.2- Evidências para L-TOUS

Kayne observa, no entanto, que a distribuição de tous na estrutura superficial não pode ser explicada apenas por uma regra de movimento como R-TOUS, cujo efeito é mover o quantificador para a direita da NP. Isto porque, em algumas estruturas da língua, estando o quantificador associado a NP's objeto, o deslocamento se dá para a esquerda, o que não está previsto por R-TOUS. É o que ele aponta que acontece em:

(19) Je voudrais les lire tous.

Eu queria lê-los todos.

(20) Je les ai tous lus.

Eu os li todos.

(21) Je voudrais tous te les lire.

Eu queria lê-los todos para você.

(22) J'ai tous voulu les lire.

Eu quis lê-los todos.

A sentença (19) mostra o quantificador em sua posição básica: está seguindo o verbo a cuja NP objeto se associa. Já em (20)-(22), tous aparece deslocado para a esquerda. Pretendendo dar conta de tais exemplos, Kayne postula uma nova regra: L-TOUS-"leftward 'tous'-movement" -, transformação que move tous para a esquerda.

Ele observa, no entanto, que, também nestes casos, a ocorrência do quantificador não é inteiramente livre, uma vez que deve obedecer a algumas condições, relevantes para a gramaticalidade da sentença. A primeira condição apontada é semelhante à que se verifica com NP's sujeito: se associado a uma só NP objeto, tous aparecerá apenas uma vez. Para comprovar, considera os seguintes fatos:

(23)*Je voudrais tous te les lire tous.

*Eu queria todos lê-los todos para você.

(24)*J'ai tous voulu les lire tous.

*Eu quis todos lê-los todos.

(25)*J'ai tous voulu tous les lire.

*Eu quis todos todos lê-los.

Em (23)-(25), o quantificador ocorre em mais de uma das várias posições permitidas, ligando-se a uma mesma NP objeto, o que torna as sentenças não-gramaticais.

Kayne demonstra ainda uma segunda restrição a que

deve estar sujeito o quantificador parte de NP's objeto, para que se produzam apenas resultados empíricos corretos. Ele descobre que só há liberdade de ocorrência de tous, quando a NP objeto a que pertence é um clítico. Se a NP objeto não foi cliticizada, tous não pode mover-se de posição, devendo permanecer ligado a esta NP. Toma como exemplo:

(26) Je voudrais lire tous les livres.

Eu queria ler todos os livros.

(27)*J'ai tous lu les livres.

*Eu todos li os livros.

(28)*Je voudrais tous lire les livres.

*Eu queria todos ler os livros.

(29)*J'ai tous voulu lire les livres.

*Eu quis todos ler os livros.

A sentença (26) tem o quantificador como parte da NP objeto, em sua posição básica, e é gramatical. Já a série (27)-(29) é toda não-gramatical; aí tous aparece em várias posições diferentes, estando associado a NP's objeto não cliticizadas. E o resultado é não-gramatical, exatamente porque não foi seguida a condição relevante nestes casos. A regra L-TOUS deverá ser formulada de modo a permitir o movimento de tous para a esquerda, apenas quando a NP objeto a que pertence foi antes cliticizada.

Assim, segundo Kayne, as sentenças (20)-(22):

(20) Je les ai tous lus.

(21) Je voudrais tous te les lire.

(22) J'ai tous voulu les lire.

mas não (19):

(19) Je voudrais les lire tous.

seriam derivadas através da aplicação de L-TOUS, depois que se deu a cliticização das NP's objeto das referidas sentenças.

Kayne considera também uma importante generalização de que L-TOUS dá conta, envolvendo sentenças relativas não-restritivas. Verifica ele que, em tal contexto, tous, associado a uma NP objeto, pode deslocar-se de sua posição original, para a esquerda, tal como acontece com NP's objeto clíticos.

Assim:

(30) Les amis de Pierre, que j'ai tous connus à l'âge de 7 ans ...

*Os amigos de Pierre, que eu conheci todos com a idade de 7 anos ...

(31) Mes fruits, que tu as tous mangés...

*Minhas frutas, que você comeu todas...

(32) Les films de Godard, que tu peux tous voir...

* Os filmes de Godard, que você pode ver todos...

Segundo Kayne, a análise de tais exemplos leva a uma interessante conclusão, acerca de L-TOUS. As sentenças (20)-(22):

(20) Je les ai tous lus.

(21) Je voudrais tous te les lire.

(22) J'ai tous voulu les lire.

provam que L-TOUS se aplica somente nos casos em que a NP objeto a que tous se liga foi antes removida por 'Clitic-placement'. A regra 'Clitic-placement' é

uma transformação de movimento que coloca pronomes objeto antes do verbo, sob certas condições. Nas sentenças (20)-(22), o objeto clítico está antes do verbo e então L-TOUS pôde ser aplicada.

Em (30)-(32), tous apresenta-se também deslocado da NP objeto a que pertence. Nestes exemplos, a NP objeto foi antes movida de posição por 'Wh-preposing', o que criou condições para o movimento de tous para a esquerda.

Segundo Kayne, os fatos acima poderão ser explicados por uma generalização, condicionando-se a aplicação de L-TOUS a qualquer tous isolado, isto é, a qualquer tous do qual a NP foi removida. E assim, não há necessidade de se mencionar, na descrição estrutural de L-TOUS, nem clíticos, nem pronomes relativos.

São também discutidos casos em que tous é associado a um pronome relativo preposto, precedido de preposição. De acordo com Kayne, tais sentenças são não-gramaticais, para muitos falantes, que, então, observam o seguinte contraste:

(30) Les amis de Pierre, que j'ai tous connus à l'âge de 7 ans...

*Os amigos de Pierre, que eu conheci todos com a idade de 7 anos...

(33) * Les amis de Pierre, à qui j'ai tous parlé...

* Os amigos de Pierre, a quem eu falei todos...

(34) *Les amis de Pierre, contre qui je me suis tous fâché...

*Os amigos de Pierre, com quem eu estou todos zangado...

Aponta, ainda, Kayne, que, de alguma forma semelhante, para alguns falantes é a distinção entre:

(35) Je les lirai tous.

(36)*Je leur parlerai tous.

*Eu lhes falarei todos.

Além de tais sentenças, há, também, gramaticais:

(37) Je leur parlerai à tous.

Eu lhes falarei a todos.

(38) Je leur ai à tous parlé.

Eu lhes falei a todos.

Para resolver tais casos, Kayne postula o seguinte: tous será sempre gerado, na estrutura profunda, como parte de alguma NP. Além disso, subjacente a:

(33)*Les amis de Pierre, à qui j'ai tous parlé....

e a:

(37) Je leur parlerai à tous.

haverá uma subcadeia da forma à tous PRO. E, a partir daí, duas alternativas se seguirão, para gerar as sentenças corretas:

I- Se o pronome é um pronome pessoal, então CL-PL ('clitic-placement') se aplicará a ele, deixando atrás à tous. As sentenças (37) e, derivativamente, (38) seriam geradas assim:

(37) a- Je parlerai à tous PRO.

b- Je leur parlerai à tous.

(38) a- J'ai parlé à tous PRO.

b- Je leur ai parlé à tous.

c- Je leur ai à tous parlé.

A sentença (38) 'b' surge da aplicação de CL-PL; já (38) 'c' é exemplo da aplicação também de L-TOUS, que move a preposição junto com o quantificador.

Também se prediz corretamente que um tous precedido de preposição não pode ser associado a um clítico acusativo:

(39) Je les verrai tous.
 Eu os verei todos.
 Je les ai tous vus.
 Eu os vi todos.

(40)*Je les verrai à tous.
 Eu os verei a todos.
 *Je les ai à tous vus.
 Eu os vi a todos.

A sentença (36):

(36)*Je leur parlerai tous.

só seria gerada, provavelmente, pela aplicação de alguma transformação posterior, cancelando o a sob certas condições. Segundo Kayne, assim se explicaria o fato de que (36) é gramatical para alguns falantes.

II- Se o pronome é um pronome relativo, 'wh-preposing' seria aplicada; em francês, tal regra deverá mover, junto com o pronome, a preposição. Deste modo, 'wh-preposing' moverá à qui, deixando tous para trás, como em:

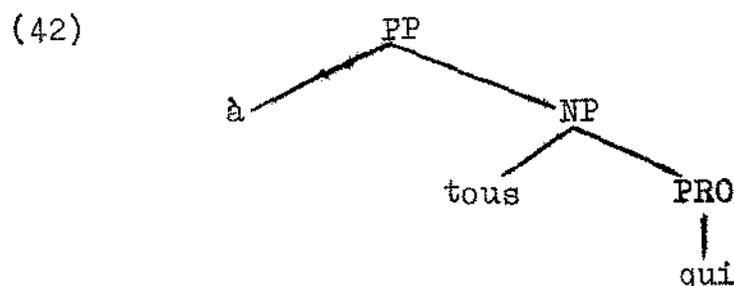
(33) Les amis de Pierre, à qui j'ai tous
 parlé...

Uma restrição independente excluirá (33) para

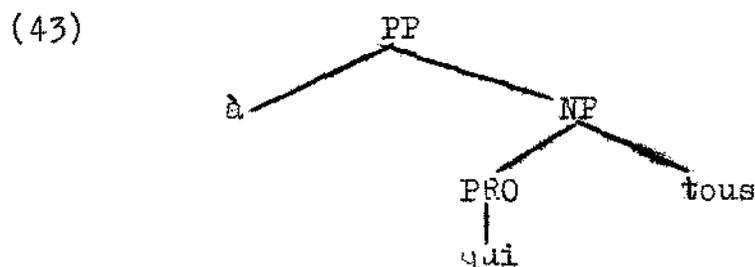
muitos falantes³. Além disso, tous não pode ser movido junto com à qui:

- (41)*Vos amis, à qui tous j'ai parlé...
 *Seus amigos, com quem todos eu falei...
 *Vos amis, à tous qui j'ai parlé...
 *Seus amigos, com todos quem eu falei...

Segundo Kayne, haveria ainda um problema a resolver, para os falantes que aceitam (33). Como já se disse, subjacente a uma sentença como esta, existiria a subcadeia da forma à tous PRO. Neste caso, 'wh-preposing' teria de se aplicar a uma estrutura como:



O mesmo argumento permanece, se a estrutura é:



O ponto importante é que 'wh-preposing' teria de mover à qui. Mas Kayne aponta os seguintes fatos, que tornariam impossível tal movimento:

- A- à qui não é **constituente**, em nenhuma das estruturas acima-(42) ou (43);

B- à qui é interrompido por um nóculo NP inter-
veniente.⁴

Para resolver tais problemas, ele postula uma regra a que chamou 'destacamento de tous': tous seria destacado de sua NP, antes de se aplicar CL-PL ou 'wh-preposing'; teria a seguinte forma:

$$\begin{array}{ccccccc} \left[\begin{array}{c} \text{V} \\ \text{VP} \end{array} \right] & \left[\begin{array}{c} \text{tous PRO} \\ \text{NP} \end{array} \right] & \left[\begin{array}{c} \\ \text{VP}' \end{array} \right] & \Rightarrow & \left[\begin{array}{c} \text{V tous} \\ \text{VP} \end{array} \right] & \left[\begin{array}{c} \text{PRO} \\ \text{NP} \end{array} \right] & \left[\begin{array}{c} \\ \text{NP} \\ \text{VP} \end{array} \right] \end{array}$$

Postular uma regra de destacamento pode explicar o fato de que falantes variam radicalmente em seu julgamento acerca de sentenças como:

- (44) Mes amis, à qui j'ai tous donné des livres...
*Meus amigos, a quem eu todos dei os livros...

Para explicar as diferenças na aceitabilidade de (44), Kayne apresenta duas possibilidades na aplicação da regra de 'destacamento de tous':

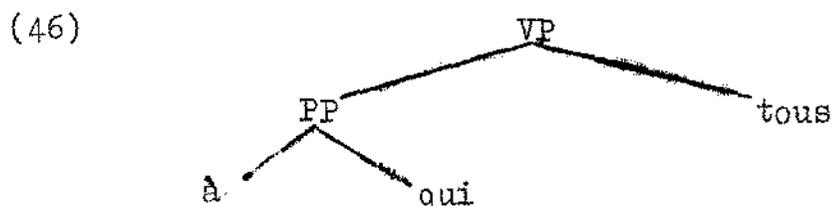
A- Assume-se, por exemplo, que a regra em questão liga o quantificador ao nóculo imediatamente mais alto. Então, para (44), teríamos:



Neste caso, à qui continua não sendo um constituinte e não se espera que ele possa ser movido.

Assim Kayne explica o fato de que, para alguns falantes, (44) é não-gramatical.

B- Postula-se que a regra de destacamento move tous inteiramente para fora da PP. Como resultado, obteríamos:



Isto então permitiria que 'wh-preposing' se aplicasse ao constituinte à qui, dando origem à sentença (44), gramatical para outros falantes.

Segundo Kayne, esta análise também daria conta da diferença entre (44), de um lado e (47)-(48), de outro:

(44) Mes amis, à qui j'ai tous donné des livres...

(47) Jean les connaît tous.
Jean os conhecia a todos.

(48) Mes amis, qu'il connaît tous...
*Meus amigos, que ele conhecia todos...

As sentenças (47)-(48) são gramaticais, desde que, no caso de um objeto direto, ligar tous ao nó - dulo imediatamente mais alto assegura que ele esteja sendo removido diretamente da NP dominante que.

Kayne demonstra ainda que I-TOUS também reflete uma generalização mais profunda acerca de sentenças do francês: pode aplicar-se igualmente para explicar

a distribuição de tout, morfológicamente relacionado a tous e que se modela exatamente como ele. Assim, paralelas a (19)-(22):

- (19) Je voudrais les lire tous.
 (20) Je les ai tous lus.
 (21) Je voudrais tous te les lire.
 (22) J'ai tous voulu les lire.

existem:

- (49) Je voudrais lire tout.
 Eu queria ler tudo.
 (50) J'ai tout lu.
 Eu tudo li.
 (51) Je voudrais tout lire.
 Eu queria tudo ler.
 (52) J'ai tout voulu lire.
 Eu tudo quis ler.

Para Kayne, haverá possibilidade de se expressar uma generalização significativa, reunindo L-TOUS, que se refere a tous isolado, com a regra de outra forma necessária para explicar as ocorrências de tout nas sentenças do francês. Há, então, segundo Kayne, uma única regra - L-TOUS - que move tous/tout, da posição de objeto para a esquerda.

Depois de todas estas observações, ele estabelece a ordem de aplicação das regras discutidas no decorrer de seu trabalho: 1- CL-PL ou 'wh-preposing'
 2- L-TOUS

A ordem dada não poderá ser outra, uma vez que é condição básica para a aplicação de L-TOUS que a NP objeto a que tous se associa seja antes removida

de alguma forma: por CL-PL ou por 'wh-preposing'. Somente deste modo serão geradas as sentenças gramaticais e evitadas as não-gramaticais.

1.3- Semelhanças e contrastes entre R-TOUS e L-TOUS

Para terminar sua análise do comportamento de tous em estruturas do francês, Kayne discute as duas regras - R-TOUS e L-TOUS -, procurando mostrar algumas de suas características comuns e suas diferenças básicas.

Afirma ele, que, apesar de serem regras de movimento, nenhuma das duas pode mover tous para antes de um verbo finito:

(53) Tous mes amis partiront.

Todos os meus amigos partirão.

(54)*Mes amis tous partiront.

Meus amigos todos partirão.

(55) Mes amis partiront tous.

Meus amigos partirão todos.

Em (53), o quantificador está em sua posição original, parte do determinante da NP sujeito plural 'mes amis'; já (54) é não-gramatical, uma vez que R-TOUS se aplicou, deslocando tous para antes do verbo finito; a sentença (55) apresenta o quantificador fora da NP a que pertence e é gramatical, sendo usada para dar ênfase; neste caso, tous não está antes do verbo finito, não violando, portanto, a condição básica a que ele se refere.

Para demonstrar que, também com L-TOUS, o quantificador não pode ser colocado antes do verbo finito, Kayne utiliza os seguintes exemplos:

(56) Je lirai tous les livres.

Eu lerei todos os livros.

(57) Je les lirai tous.

Eu os lerei todos.

(58)*Je les tous lirai.

*Eu os todos lerei.

(59)*Je tous les lirai.

*Eu todos os lerei.

A sentença (57) é gerada pela aplicação de CL-PL a uma estrutura como (56). Neste caso, poderia o quantificador ser movido para a esquerda, por L-TOUS. Mas o que resulta é não-gramatical: (58)-(59). Isto porque tous está sendo colocado antes do verbo finito -'lirai'-, o que não é permitido.

Kayne aponta que este fenômeno é, na verdade, parte de um fato mais geral: os elementos sujeitos a R-TOUS e L-TOUS podem ocupar apenas certas posições específicas e estas são aquelas em que advérbios ocorrem normalmente:

(60) Mes amis partiront tous.

Meus amigos partirão todos.

Mes amis feront tout.

Meus amigos farão tudo.

Jean les déteste tous.

Jean os detesta todos.

(61) Mes amis sont tous partis.

Meus amigos partiram todos.

Mes amis ont tout fait.

Meus amigos fizeram tudo.

Jean les a tous lus.
 Jean os leu todos.

Assim:

- (62) Jean chante souvent.
 Jean canta freqüentemente.
 Jean a souvent chanté.
 Jean cantou freqüentemente.
 *Jean souvent chante.
 Jean freqüentemente canta.

Dentre as diferenças básicas entre as duas regras de movimento, Kayne afirma que R-TOUS, mas não L-TOUS, pode aplicar-se a uma NP preenchida:

- (63) Mes amis ont tous dit que...
 Meus amigos disseram todos que...
 (64)*Jean a tous vu mes amis.
 *Jean todos viu meus amigos.

Em contrapartida, L-TOUS, mas não R-TOUS, aplica-se a um tout isolado:

- (65) Jean a tout mangé.
 Jean tudo comeu.
 (66) Tout a disparu.
 Tudo desapareceu.

Se R-Tous se aplicasse a tout isolado, segundo Kayne, deveríamos esperar que 'il' aparecesse na posição vaga de sujeito, em (66). Mas o resultado é não-gramatical:

- (67)*Il a tout disparu.

Estas são as linhas básicas da análise de Kayne, objetivando explicar os fatos mais importantes envolvendo a distribuição do quantificador tous em sentenças do francês.

Na seção seguinte deste trabalho, tentaremos demonstrar se tal análise se adapta para o português, utilizando fatos semelhantes aos que foram discutidos no francês.

NOTAS

¹Kayne, Richard (1969), op. cit.

²A tradução dos exemplos, neste capítulo, deverá ser vista apenas como um ponto de referência para o leitor não familiarizado com o francês. Não será, portanto, rigorosa, uma vez que não nos interessa, no momento, levantar questões relativas às diferenças de comportamento entre o francês e o português, no que se refere à distribuição do quantificador tous/todos. A discussão dos fatos do português, paralelos aos do francês estudados por Kayne, será feita em detalhes no capítulo 2 desta dissertação.

³Nada mais podemos esclarecer a respeito de tal restrição, uma vez que, em seu trabalho, Kayne apenas formula a hipótese de que ela deverá ser postulada, não entrando, no entanto, em maiores detalhes.

⁴Kayne não dá as evidências para justificar sua teoria de que há um módulo NP interveniente, interrompendo à qui, em estruturas como (42) e (43).

2- Movimento de Quantificadores em Português

Na seção anterior, examinamos em alguns detalhes a proposta de Kayne (1969), para descrever os fenômenos envolvendo o comportamento sintático de tous (fem. toutes) em francês.

Segundo esta hipótese, a distribuição de tal quantificador pode ser explicada através de duas regras transformacionais de movimento:

- (68) A-R-TOUS ("rightward 'tous'-movement"), que tem como efeito mover o quantificador para a direita, para fora da NP sujeito plural a que se liga. Tal regra seria responsável, por exemplo, pela derivação de sentenças francesas como (2) e (3), a partir da estrutura subjacente a (1):

- (1) Tous les garçons sont partis à la guerre.
 (2) Les garçons sont tous partis à la guerre.
 (3) Les garçons sont partis tous à la guerre.

B-L-TOUS ("leftward 'tous'-movement"), cujo efeito é mover o quantificador para a esquerda da NP objeto plural a que se associa. Tal regra seria responsável, por exemplo, pela derivação de sentenças como (20) e (21), a partir de estruturas como a subjacente a (19):

- (19) Je voudrais les lire tous.
 (20) Je les ai tous lus.
 (21) Je voudrais tous te les lire.

Neste capítulo examinaremos fatos do português envolvendo a distribuição de todos (fem. todas), com o objetivo de verificar se a proposta de Kayne para descrever os dados do francês pode ser estendida, sem perda de generalização, para explicar também os fatos do português. A discussão será desenvolvida em duas partes básicas. A primeira visa a comprovar se há ou não motivação para se postular uma regra de movimento como R-TOUS, em português; a segunda parte tentará demonstrar se também em português haverá necessidade de se estabelecer uma regra como L-TOUS, para dar conta de fenômenos relativos à distribuição do quantificador todos.

2.1- A Regra R-TOUS

Em português, temos sentenças como:

(69) Todos os meninos tinham ido para a escola.

(70) Os meninos tinham todos ido para a escola.

(71) Os meninos tinham ido todos para a escola.

Note-se que tais sentenças são paralelas aos exemplos do francês, discutidos por Kayne:

(1) Tous les garçons sont partis à la guerre.

(2) Les garçons sont tous partis à la guerre.

(3) Les garçons sont partis tous à la guerre.

Kayne aponta que (1)-(3) são evidências de que, em francês, tous, quando associado a uma NP sujeito plural - no caso 'les garçons' - tem certa liberdade de ocorrência, pois pode aparecer, não apenas fazendo parte de tal NP:

(1) Tous les garçons sont partis à la guerre.

como também em outras posições diferentes:

(2) Les garçons sont tous partis à la guerre.

(3) Les garçons sont partis tous à la guerre.

Ele propõe que (2) e (3) são ambas derivadas da estrutura subjacente a (1), através de uma transformação que moveria o quantificador para fora da NP sujeito a que se liga, colocando-o à direita de certos elementos da sentença; a esta transformação, chama Kayne R-TOUS.

Se observarmos (69)-(71), veremos que a situação é semelhante. As sentenças são gramaticais, têm o mesmo sentido e todos aparece, ora fazendo parte da NP sujeito:

(69) Todos os meninos tinham ido para a escola.

ora à direita de tal NP:

(70) Os meninos tinham todos ido para a escola.

(71) Os meninos tinham ido todos para a escola.

Assim sendo, poderíamos aproveitar a proposta de Kayne e explicar tais fatos como ele faz com as estruturas superficiais francesas: (69) se aproximaria da estrutura profunda, tendo o quantificador como parte da estrutura do determinante da NP sujeito plural, em sua posição básica:

(69) Todos os meninos tinham ido para a escola.

e (70)-(71) seriam resultado da aplicação de uma regra como R-TOUS a esta estrutura inicial, seme-

lhante a (69). Chamaremos a esta regra de movimento do quantificador para a direita em português, de POSPOSIÇÃO DE QUANTIFICADOR (POS-Q). E note-se que, também como R-TOUS, POS-Q desloca o quantificador para fora da NP a que se associa, para a direita:

(70) Os meninos tinham todos ido para a escola.

(71) Os meninos tinham ido todos para a escola.

Esta análise poderia explicar toda uma série de sentenças do português, exatamente equivalentes a (69)-(71):

(72) Todos os alunos tinham saído da sala.

(73) Os alunos tinham todos saído da sala.

(74) Os alunos tinham saído todos da sala.

A sentença (72) seria aproximadamente a estrutura profunda, com o elemento todos associado à NP sujeito plural, como parte de seu determinante. Já (73)-(74) seriam derivadas através de POS-Q: em ambas, o quantificador está à direita de certos elementos das sentenças, fora do nóculo NP que o domina.

Segundo Kayne, R-TOUS em francês é uma regra opcional, uma vez que sentenças como (1):

(1) Tous les garçons sont partis à la guerre.

em que R-TOUS não se aplicou, são também gramaticais.

Tal explicação encontra paralelo em português, pois vemos que não é obrigatório o emprego de POS-Q, sempre que o quantificador se associa a uma NP sujeito plural. Isto explicaria a gramaticalidade de (69):

(69) Todos os meninos tinham ido para a escola.

o também de (72):

(72) Todos os alunos tinham saído da sala.

Em tais sentenças, todos aparece em sua posição original, ligado ao nóculo NP dominante; portanto, POS-Q não se aplicou.

Kayne demonstra que a ocorrência de tous em estruturas superficiais francesas não é inteiramente livre, devendo obedecer a uma restrição básica: para que tais estruturas sejam aceitas como gramaticais, tous pode aparecer apenas uma vez, quando ligado a uma só NP sujeito plural. Sua ocorrência em mais de uma posição nestas condições é motivo para tornar a sentença não-gramatical. Compare-se:

(1) Tous les garçons sont partis à la guerre.

(4)*Tous les garçons sont partis tous à la guerre.

(5)*Tous les garçons sont tous partis à la guerre.

(6)*Les garçons sont tous partis tous à la guerre.

A sentença (1) é gramatical, pois o quantificador aparece apenas uma vez, associado à NP : sujeito plural 'les garçons'. Entretanto, (4)-(6) não são bem formadas, pois nelas se verifica a ocorrência de tous, parte de uma mesma NP sujeito, em mais de uma posição. Não tendo sido seguida a condição postulada, o resultado é não-gramatical.

Vemos que, em português, a situação é paralela. Observem-se as frases seguintes:

(75)*Todos os meninos tinham ido todos para a escola.

(76)*Todos os meninos tinham todos ido para a escola.

(77)*Os meninos tinham todos ido todos para a escola.

Assim, pode-se dizer que também o português rejeita sentenças com o quantificador em mais de uma posição, quando ligado a uma só NP sujeito dominante. Portanto, a restrição apontada por Kayne, para o francês, parece funcionar igualmente no português: o quantificador todos só poderá ocorrer uma vez - nunca em mais de uma posição diferente -, quando associado a uma mesma NP.

Kayne explora alguns fatos interessantes envolvendo sentenças com tous, em que PASSIVA se aplica. Ele contrasta a gramaticalidade de (7), com a não-gramaticalidade de (8):

(7) Les garçons ont tous embrassé la fille.

(8)*La fille a tous été embrassé par les garçons.

A diferença entre (7) e (8) é que PASSIVA foi aplicada na derivação de (8), mas não na de (7). Kayne argumenta que estes fatos podem ser explicados, se a ordem de aplicação das regras aí envolvidas for:

(78) 1-PASSIVA
2-R-TOUS

A sentença (7) é ativa e gramatical, sendo exemplo de aplicação de R-TOUS; através de PASSIVA, deriva-se (8), de (7); no entanto, o resultado não é gramatical. Postulando-se a ordem de aplicação em (78), tal problema será evitado. Esta hipótese é comprovada por (9) e (10):

(9)*La fille a tous embrassé les garçons.

(10) Les garçons ont tous été embrassés par la fille.

O exemplo (9), não-gramatical, mostra que uma NP objeto de estrutura profunda não pode ser associada a um tous ocorrendo livremente. No entanto, (10) demonstra que esta mesma NP objeto, uma vez transformada em sujeito, através de PASSIVA, pode ter o quantificador deslocado para a direita, por R-TOUS e o resultado é gramatical. Assim, confirma-se a ordem de aplicação postulada em (78).

Em português, as sentenças equivalentes seriam:

(79) Os rapazes tinham todos abraçado a moça.

(80)*A moça tinha todos sido abraçada pelos rapazes.

Em (79), nota-se que foi usada a regra POS-Q, deslocando-se o quantificador de sua posição original para a direita. Como estrutura subjacente a (79), teríamos algo semelhante a:

(81) Todos os rapazes tinham abraçado a moça.

Nesta estrutura inicial, o quantificador ocupa uma posição determinada, sob o nóculo NP sujeito plural. Para explicar (79), somente com o emprego de POS-Q. Já a sentença (80) seria derivada de (79) através de PASSIVA; mas o resultado é não-gramatical, como em francês. Então, parece que, também em português, um sujeito de estrutura profunda, deslocado de sua posição original por PASSIVA - no caso, 'todos os rapazes' -, não pode ser associado a um todos ocorrendo livremente. Isto leva a concluir que a ordem de aplicação das duas regras será, do mesmo modo que em francês:

- (82) 1-PASSIVA
2-POS-Q

Ainda utilizando o mesmo argumento de Kayne, observemos a série abaixo:

(83)*A moça tinha todos abraçado os rapazes.

(84) Os rapazes tinham todos sido abraçados pela moça.

A sentença (83) não é gramatical e o que nela se verifica é a ocorrência livre do quantificador associado a uma NP objeto de estrutura profunda. Já (84) é gramatical e originária de uma estrutura como (85), subjacente a (83):

(85) A moça tinha abraçado todos os rapazes.

Para que seja gerada (84), temos, em primeiro lugar, PASSIVA:

(86) Todos os rapazes tinham sido abraçados pela moça.

Neste caso, o objeto da estrutura profunda tornou-se sujeito superficial e então é possível a aplicação de POS-Q, sem que a sentença resultante seja não-gramatical:

(84) Os rapazes tinham todos sido abraçados pela moça.

Tudo parece confirmar, portanto, a proposta de Kayne para o francês: os fatos observados do português, paralelos aos que foram discutidos em francês, levam a concluir que a ordem de aplicação das duas regras será como em (82):

(82) 1-PASSIVA

2-POS-Q

De outra forma não se explicará a geração de (84).

Ainda para justificar a sua proposta de que será necessário postular uma regra como R-TOUS, para dar conta de sentenças gramaticais francesas com o quantificador, Kayne demonstra que tal regra também servirá para explicar a distribuição de chacun em estruturas superficiais da língua em estudo. Assim R-TOUS terá seu âmbito de ação estendido, resolvendo também fatos como os que se observam em:

(11) Chacun des garçons a embrassé la fille.

(12) Les garçons ont chacun embrassé la fille.

A sentença (11) evidencia que chacun pode aparecer na estrutura do determinante de NP's sujeito no plural, assim como tous; e (12) é prova de que este mesmo elemento pode igualmente ser deslocado para a direita da NP sujeito que o domina, conservando-se a gramaticalidade da frase. A sentença (12) seria derivada de uma estrutura semelhante a (11), através de uma regra de movimento, que deslocaria chacun para fora, para a direita, do nóculo NP relevante. Assim sendo, R-TOUS também se aplicará a sentenças com chacun.

Em português temos:

(87) Cada um dos rapazes tinha abraçado a moça.

(88) Os rapazes tinham cada um abraçado a moça.

E novamente a situação se adapta: (87)-(88) seguem o mesmo esquema de (11)-(12).

Assim como o quantificador todos, cada um pode deslocar-se de sua posição original - onde aparece

em (87) - sendo levado para a direita do nódulo a que pertence - como se vê em (88). Portanto, em português, parece que POS-Q resolverá também casos de sentenças em que ocorre o elemento cada um, existindo, então, a mesma generalização que em francês.

A partir da observação de mais dados, Kayne chega à restrição básica a que deve obedecer o quantificador tous, para que se conserve a gramaticalidade das sentenças em que aparece: quando associado a uma mesma NP sujeito, pode ocorrer apenas uma vez, nunca em mais de uma das várias posições de outra forma permitidas. Com chacun, dá-se o mesmo fenômeno. É tal condição que explica, por exemplo, a não-gramaticalidade de (13):

(13)*Chacun des garçons a chacun embrassé la fille.

Em português, a sentença relevante seria:

(89)*Cada um dos rapazes tinha cada um abraçado a moça.

O elemento cada um aparece aí duas vezes, ligado à mesma NP sujeito. E o resultado é não-gramatical, assim como acontece no francês. De novo fica evidente que a análise de Kayne para o francês parece adaptar-se perfeitamente aos fatos do português.

Kayne examina ainda um terceiro aspecto relacionado a R-TOUS: em que ordem tal regra deverá ser aplicada, considerando-se também PASSIVA? Depois de analisar uma série de dados, ele chega à conclusão de que PASSIVA precede R-TOUS. E esta mesma ordem também é adequada para justificar certas sentenças com chacun.

Vejamos agora os fatos do português, equivalentes aos do francês:

(90)*A moça tinha cada um abraçado os rapazes.

(91) Os rapazes tinham cada um sido abraçados
pela moça.

Em (90), cada um, ligado à NP objeto 'os rapazes', aparece fora de sua posição original, tornando a sentença incorreta. Sua estrutura básica seria algo como:

(92) A moça tinha abraçado cada um dos rapazes.

Se a esta estrutura inicial aplicássemos PASSIVA, teríamos (93) :

(93) Cada um dos rapazes tinha sido abraçado
pela moça.

Depois que a NP objeto da estrutura subjacente tornou-se NP sujeito, como em (93) , por PASSIVA, o elemento cada um pode mover-se para a direita. Ecm isto obtém-se (91) :

(91) Os rapazes tinham cada um sido abraçados
pela moça.

Assim sendo, também em português, com relação a cada um, PASSIVA deve preceder POS-Q, para que sejam geradas sentenças corretas e não apareçam sentenças não-gramaticais, como por exemplo:

(94)*A moça tinha cada um sido abraçada pelos rapazes.

A sentença (94) só poderia surgir se aplicássemos POS-Q antes da PASSIVA. Para gerar (94), a estrutura inicial seria:

(95) Cada um dos rapazes tinha abraçado a moça

ça.

Através de POS-Q, seria derivada, a partir de (95):

(96) Os rapazes tinham cada um abraçado a moça.

Também, (96) é gramatical, como (95). Mas se, a seguir, quiséssemos aplicar PASSIVA, o resultado seria incorreto:

(94) *A moça tinha cada um sido abraçada pelos rapazes.

Para impedir (94), adotamos a ordem inversa de aplicação de regras: POS-Q seguirá PASSIVA. Veja-se que, deste modo, teríamos: de (95), estrutura inicial, através de PASSIVA, conseguiríamos (97):

(95) Cada um dos rapazes tinha abraçado a moça.

(97) A moça tinha sido abraçada por cada um dos rapazes.

E de (97) não poderíamos derivar (94), porque não há as condições estruturais para aplicação de POS-Q.

De tudo o que foi visto, resta como conclusão o fato de que a análise de Kayne, proposta para dar conta de sentenças gramaticais francesas envolvendo o movimento de tous e chacun também se adapta aos casos equivalentes do português. Até agora, os dados estudados parecem comprovar inteiramente que teremos necessidade de postular também em português uma regra como R-TOUS - que estamos denominando POS-Q-, se quisermos dar conta do movimento

para a direita, do quantificador todos e de cada um, parte do determinante de NP's plurais, em estruturas superficiais portuguesas. No capítulo 3 deste trabalho, iremos examinar alguns casos mais complexos envolvendo POS-Q.

2.2- A Regra L-TOUS

Na subsecção, anterior, exploramos a regra de movimento R-TOUS postulada por Kayne (1969), para explicar a distribuição de tous (fem. toutes), em francês, numa tentativa de verificar se uma regra semelhante também daria conta de esclarecer fatos paralelos do português, com o quantificador todos.

Em seu trabalho, Kayne, no entanto, aponta que, embora a gramática do francês deva conter uma regra R-TOUS, cujo efeito é mover o quantificador para a direita, para fora do nóculo NP dominante, esta regra não é suficiente para cobrir certos casos de sentenças francesas contendo tous. E assim ele argumenta que R-TOUS não justificaria a posição do quantificador em:

(20) Je les ai tous lus.

(21) Je voudrais tous te les lire.

(22) J'ai tous voulu les lire.

Nos exemplos acima, o quantificador aparece deslocado de sua posição original; tal deslocamento, no entanto, se dá para a esquerda, o que torna R-TOUS inadequada para explicar a distribuição de tous em (20)-(22).

Segundo Kayne, nas sentenças (20)-(22), tous, associado a NP's objeto no plural, move-se para a esquerda de certos elementos da sentença. Ele propõe, então, para dar conta destes casos, uma outra regra

de movimento: L-TOUS ("leftward 'tous'-movement") , cujo efeito seria deslocar o quantificador para a esquerda, observadas, no entanto, certas restrições básicas.

A primeira de tais condições pode ser evidenciada tomando-se por base a série (20)-(22). Nos três casos, a NP objeto a que tous se associa é um clítico. Kayne atenta para a relevância de tal fato, uma vez que, quando o quantificador aparece fazendo parte de uma NP objeto ainda não cliticizada, a sua posição é uma só, isto é, não pode mover-se para a esquerda, como acontece em (20)-(22). Assim se explicaria a gramaticalidade ou não de:

(26) Je voudrais lire tous les livres.

(27)*J'ai tous lu les livres.

(28)*Je voudrais tous lire les livres.

(29)*J'ai tous voulu lire les livres.

Kayne examina as sentenças acima e aponta o fato de que apenas (26) é gramatical, justamente porque, em tal exemplo, tous ocorre associado a uma NP objeto não cliticizada, em sua posição original. Já em (27)-(29), o quantificador deslocou-se para a esquerda, conservando-se a NP objeto sem cliticização. E o resultado são sentenças não-gramaticais. Deste modo, para Kayne, a regra L-TOUS deverá ser postulada levando-se em consideração o fato de que sua aplicação só se dará após a cliticização da NP objeto a que se liga o quantificador.

Admitindo, com Kayne, que L-TOUS é uma regra do francês, a questão é saber se há motivação para se postular uma regra semelhante para o português. E a análise dos fatos relevantes parece comprovar que, em português, a distribuição de todos não segue as mesmas linhas da de tous, no que se refere a L-TOUS.

Veja-se, por exemplo:

(98)*Eu os tinha todos lido.

(99)*Eu queria todos os ler para você.

(100)*Eu tinha todos querido os ler.

As sentenças (98)-(100) mostram características semelhantes às verificadas em (20)-(22), isto é, o quantificador está deslocado de sua posição original, à esquerda de certos elementos da sentença, associado a NP's objeto no plural, clíticos:

(20) Je les ai tous lus.

(98)*Eu os tinha todos lido.

(21) Je voudrais tous te les lire.

(99)*Eu queria todos os ler para você.

(22) J'ai tous voulu les lire.

(100)*Eu tinha todos querido os ler.

Veja-se, no entanto, que, ao contrário do que acontece no francês, (98)-(100), são não-gramaticais. Assim sendo, o primeiro argumento utilizado por Kayne para mostrar a necessidade de se postular L-TOUS - regra de movimento **que explicaria** a ocorrência do quantificador à esquerda de certos elementos da sentença, quando este quantificador está ligado a uma NP objeto, no plural, cliticizada - não é válido para o português, uma vez que não se dá o movimento de todos para a esquerda, em situações e - quivalentes às do francês. Em português, todos, parte de uma NP objeto plural clítico, não pode deslocar-se para a esquerda de sua posição inicial; tal movimento torna a sentença não-gramatical; é o que

se comprova em (98)-(100). Assim, como conclusão parcial, parece não haver motivação para se postular uma regra como L-TOUS em português.

Continuando com o raciocínio de Kayne, examinaremos fatos do português, para discutir a primeira condição a que L-TOUS deve obedecer. Mas veja-se que, depois de termos comprovado que a distribuição do quantificador associado a NP's objeto em português é diferente da do francês, uma vez que todos não pode mover-se para a esquerda, mesmo quando a NP objeto a que se liga foi antes cliticizada, torna-se ainda mais improvável que o deslocamento se dê, quando a NP objeto permanecer inalterada.

Assim, considerem-se os seguintes exemplos:

(101) Eu queria ler todos os livros.

(102)*Eu tinha todos lido os livros.

(103)*Eu queria todos ler os livros.

(104)*Eu tinha todos querido ler os livros.

A seqüência de sentenças acima é equivalente à série (26)-(29):

(26) Je voudrais lire tous les livres.

(27)*J'ai tous lu les livres.

(28)*Je voudrais tous lire les livres.

(29)*J'ai tous voulu lire les livres.

e a correspondência em gramaticalidade é também perfeita: (26) é gramatical; (27)-(29) não o são; do mesmo modo, (101) é gramatical, enquanto (102)-(104) não; acontece, no entanto, que, apesar do paralelismo verificado entre o francês e o português, considerando-se as seqüências (26)-(29) e (101)-(104), não po-

demos utilizar este paralelismo aparente para propor uma regra como L-TOUS, em português. As sentenças (26)-(29) serviram para argumentar que, em francês, L-TOUS só pode aplicar-se depois que houve a cliticização da NP objeto a que o quantificador se liga, isto é, tous só pode mover-se para a esquerda, se a NP objeto é um clítico. Assim se explica a gramaticalidade de (26) e a não-gramaticalidade de (27)-(29).

Já em português, no entanto, a justificativa para o fato de que (101) é gramatical:

(101) Eu queria ler todos os livros.

e (102)-(104) não o são:

(102)*Eu tinha todos lido os livros.

(103)*Eu queria todos ler os livros.

(104)*Eu tinha todos querido ler os livros.

é bem outra: uma vez comprovando-se que não pode haver o movimento de todos para a esquerda, mesmo se a NP objeto é um clítico, compreende-se que (102) - (104) não sejam gramaticais, já que, em tais sentenças, o quantificador aparece deslocado de sua posição original, para a esquerda e a NP objeto não está cliticizada. Portanto, parece que (102)-(104) não são gramaticais, simplesmente porque não é permitido o movimento de todos para a esquerda em português. Tal é a conclusão a que se chega, considerando-se os dados até agora vistos.

Kayne refina ainda mais a sua regra L-TOUS, apontando outras restrições relevantes para a gramaticalidade de sentenças em que se dá o movimento de tous para a esquerda. Ele demonstra que, assim como ocorre com NP's sujeito, também quando tous se asso-

cia a NP's objeto no plural, pode ocorrer apenas uma vez, se a NP objeto é uma só. Deste modo ele explica a não gramaticalidade de:

(23)*Je voudrais tous te les lire tcus.

(24)*J'ai tous voulu les lire tous.

(25)*J'ai tous voulu tous les lire.

Como se observa, em (23)-(25), a NP objeto plural - 'les' - aparece ligada a mais de um quantificador e as três sentenças são não-gramaticais. Os fatos correspondentes do português mostrarão o mesmo. Assim, são incorretas sentenças em que todos ocorre em mais de uma posição, se associado a uma só NP objeto. É o que se pode comprovar em:

(105)*Eu queria todos os ler todos para você.

(106)*Eu tinha todos querido os ler todos.

(107)*Eu tinha todos querido todos os ler.

A semelhança de comportamento do quantificador nas duas línguas em estudo, apontada nos casos acima - compare-se (23)-(25) com (105)-(107) -, pode levar a que se considerasse a possibilidade de que também em português haverá necessidade de se postular uma regra como L-TOUS, uma vez que Kayne utiliza (23)-(25) para mostrar uma condição a que tal regra deve obedecer e o português parece comportar-se do mesmo modo. É importante, no entanto, não se esquecer do fato de que já examinamos estruturas superficiais portuguesas em que o movimento de todos para a esquerda, quando associado a NP's objeto no plural cliticizadas - principal argumento para propor L-TOUS em francês -, não é permitido, sob pena de se tornar não-gramatical a es -

trutura. Tal fato ficou evidente em:

(98)*Eu os tinha todos lido.

(99)*Eu queria todos os ler para você.

(100)*Eu tinha todos querido os ler.

Neste caso, se o fato crucial apontado por Kayne, que o leva a propor uma regra como L-TOUS para o francês é invalidado no português, causa estranheza, pelo menos, que dados menos relevantes sirvam para formar a hipótese de que haverá também no português uma regra que justifique o movimento do quantificador para a esquerda. Devíamos, então, encontrar uma outra explicação para a não-gramaticalidade de sentenças como (105)-(107). Podemos resolver o problema fazendo referência aqui à subseção anterior - 2.1 - em que foram discutidos dados a respeito da regra de movimento do quantificador para a direita, tanto no francês (R-TOUS) como no português (POS-Q). Lá se evidenciou o fato de que, nas duas línguas em questão, o quantificador, se associado a uma só NP sujeito, pode aparecer apenas uma vez, para que as sentenças sejam gramaticais; tal fato poderá ser aproveitado para explicar a não-gramaticalidade de (105)-(107): quantificadores, tanto em francês, quanto em português, devem ocupar apenas uma das várias posições permitidas nas duas línguas, se estão ligados a uma mesma NP, seja ela sujeito ou objeto. Assim conseguiremos, inclusive, captar uma generalização. Portanto, (105)-(107) não são gramaticais porque, nelas, o quantificador aparece mais de uma vez, e está associado a uma só NP, objeto. Mas isto não significa que será necessário postular uma regra como L-TOUS para o português. Além disso, (105) - (107) são não-gramaticais também porque apresentam

um dos quantificadores associados à NP objeto deslocado de sua posição original, à esquerda:

(105)*Eu queria todos os ler todos para você.

(106)*Eu tinha todos querido os ler todos.

(107)*Eu tinha todos querido todos os ler.

E já se comprovou que tal movimento para a esquerda não é possível em português. De tudo o que se discutiu, resta como conclusão o fato de que parece não haver evidências em português para que se postule uma regra como L-TOUS nesta língua. Mas será interessante verificar se tal conclusão se mantém, considerando-se, a seguir, outros dados do português, comparando-os a fatos do francês analisados por Kayne em sua apresentação de L-TOUS.

Kayne reconhece uma importante generalização de que a regra L-TOUS consegue dar conta em francês. Ele mostra que tal regra também se aplica a sentenças em que ocorrem relativas não-restritivas. Neste contexto, se tous está associado a uma NP objeto, também pode haver o movimento do quantificador para a esquerda. Então, a distribuição de tous ligado a NP's objeto está estritamente relacionada a duas outras regras do francês: 'clitic-placement' e 'wh-preposing'.

Sentenças como (20)-(22) provam que L-TOUS em francês só pode aplicar-se depois de 'clitic-placement', isto é, depois que a NP objeto a que tous se associa foi antes transformada em clítico e removida de posição, sendo colocada antes do verbo:

(20) Je les ai tous lus.

(21) Je voudrais tous te les lire .

(22) J'ai tous voulu les lire.

Se a NP objeto não é um clítico, o movimento de tous para a esquerda não é permitido:

(27)*J'ai tous lu les livres.

(28)*Je voudrais tous lire les livres.

(29)*J'ai tous voulu lire les livres.

Tais argumentos acabam por levar à conclusão de que, em francês, L-TOUS só deve aplicar-se depois de CL-PL. Kayne aponta também que 'wh-preposing' é igualmente relevante para explicar a distribuição de tous ligado a NP's objeto. Assim, ele atenta para as seguintes sentenças:

(30) Les amis de Pierre, que j'ai tous connus à l'âge de 7 ans...

(31) Mes fruits, que tu as tous mangés...

(32) Les films de Godard, que tu peux tous voir...

Em (30)-(32), tous está deslocado de sua posição, à esquerda e a NP objeto a que se liga foi antes removida por 'wh-preposing'. A partir de tais exemplos, Kayne estabelece uma generalização para L-TOUS em francês: só pode aplicar-se a tous isolados, isto é, a qualquer tous associado a uma NP objeto que foi antes removida de posição. Deste modo, não há necessidade de se mencionar, na descrição estrutural de L-TOUS, nem clíticos, nem pronomes relativos.

Será interessante verificar se em português, com 'wh-preposing', o quantificador poderá mover-se para a esquerda, como em francês. Vejam-se as seguintes sentenças:

(108)* Os amigos de Pierre, que eu todos conheci com a idade de 7 anos...

(109)*Minhas frutas, que você tinha todas comido...

(110)*Os filmes de Godard, que você pode todos ver...

Os exemplos (108)-(110) apresentam relativas não-restritivas e o quantificador está à esquerda de sua posição original; ,mas as sentenças não são gramaticais, o que as torna diferentes do francês. Parece, portanto, confirmar-se a hipótese de que não será postulada uma regra como L-TOUS em português, já que, mais uma vez, não é permitido o movimento do quantificador para a esquerda, agora com "wh-preposing". Assim sendo, não há nenhum paralelismo entre francês e português, no que se refere ao comportamento do quantificador associado a NP's objeto, considerando-se os dados até agora vistos.

Em francês, as sentenças em que tous se liga a um pronome relativo precedido de preposição são de gramaticalidade fluida, segundo Kayne. Ele, então, discute tais casos, apresentando uma solução para os mesmos. Kayne postula que, subjacente a sentenças em que o quantificador faz parte de uma NP objeto precedida de preposição, haverá uma subcadeia da forma à tous PRO. Se o pronome é um pronome pessoal, aplica-se CI-PL e à tous será deixada para trás. Assim se derivariam:

(37) a- Je parlerai à tous PRO.
b- Je leur parlerai à tous.

(38) a- J'ai parlé à tous PRO.
b- Je leur ai parlé à tous.
c- Je leur ai à tous parlé.

Se o pronome - da subcadeia à tous PRO - é um pronome relativo, aplica-se 'wh-preposing', que move, junto com o pronome, a preposição. Para Kayne é o que acontece em:

(33) Les amis de Pierre, à qui j'ai tous
parlé...

Para os que não aceitam sentenças como (33), uma restrição independente será formulada, para impedir que sejam geradas.

O problema no português parece bem diferente. Em primeiro lugar, já comprovamos o fato de que uma regra como L-TOUS não poderá aplicar-se mesmo a sentenças em que se dá 'wh-preposing' a NP's não precedidas de preposição. Casos equivalentes a (33) do francês são claramente não-gramaticais em português:

(111)*Os amigos de Pierre, a quem eu tinha to-
dos falado...

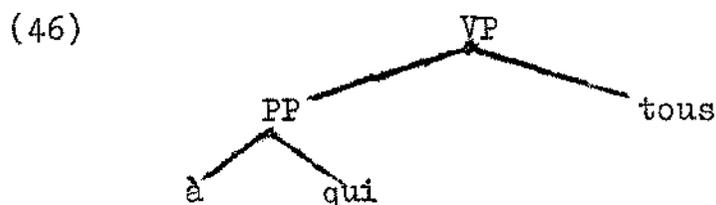
Então, tudo parece prender-se ao fato inicial de que não é permitido o movimento para a esquerda do quantificador, em português. Em consequência, vemos novamente confirmada a teoria de que não haverá uma regra como L-TOUS nesta língua, pois não encontramos evidências de que todos, associado a NP's objeto no plural, possa deslocar-se de sua posição original, para a esquerda. O que está claro até agora, considerando-se os fatos discutidos, é que a distribuição do quantificador parte de NP's objeto no plural é bastante diferente nas duas línguas em estudo, pois o que é gramatical em francês, não o é em português. O exame de dados adicionais do português poderá levar à conclusão de que também neste língua o quantificador é passível de movimento para a esquerda. Se for este o caso, no

entanto, a regra que deverá ser postulada para dar conta de tal deslocamento, nada terá em comum com L-LOUS, além do fato de que o movimento se deu para a esquerda. Em português, CL-PL e 'wh-preposing', ao contrário do que ocorrerá em francês, parecem não ter nada a ver com o movimento do quantificador para a esquerda.

Segundo Kayne, a sentença (33) apresenta ainda um problema, pois, para explicar a sua gramaticalidade, 'wh-preposing' teria de mover à qui, deixando tous para trás, inicialmente. Mas este movimento não seria possível, uma vez que 'wh-preposing' teria de aplicar-se a uma estrutura subjacente onde à qui não seria um constituinte e haveria um nóculo NP interveniente. Para solucionar a questão, Kayne postula uma regra denominada 'destacamento de tous', aplicável antes de CL-PL, ou de 'wh-preposing', que removeria o quantificador para fora do nóculo NP dominante. Assim, no caso de falantes que aceitam sentenças como (33):

(33) Les amis de Pierre, à qui j'ai tous parlé...

'destacamento de tous' move o quantificador inteiramente para fora de PP, tornando-se então possível que 'wh-preposing' desloque à qui, agora um constituinte, como em (46):



Uma vez que, no português, sentenças como (33) são claramente não-gramaticais:

(111)*Os amigos de Pierre, a quem eu tinha to-

dos falado...

não vemos necessidade de se propor uma regra como 'destacamento de tous' também para esta língua. Tal regra tornou-se indispensável, em francês, para justificar como 'wh-preposing' se aplicaria a à qui, inicialmente e, em seguida, L-TOUS deslocaria o quantificador, já isolado de sua NP, para a esquerda. Em português, no entanto, já se estabeleceu que uma regra como L-TOUS não deverá ser postulada; mais uma razão, portanto, para que também 'destacamento de tous' não seja necessária.

Uma última importante generalização a regra L-TOUS consegue captar, em francês, segundo Kayne: ela também daria conta de explicar o movimento de tout, elemento que se modela como tous e é morfologicamente relacionado ao quantificador. Kayne demonstra este fato, através das seguintes sentenças, em que se observa a semelhança de comportamento entre tous/tout

(19) Je voudrais les lire tous.

(49) Je voudrais lire tout.

(20) Je les ai tous lus.

(50) J'ai tout lus.

(21) Je voudrais tous te les lire.

(51) Je voudrais tout lire.

(22) J'ai tous voulu les lire.

(52) J'ai tout voulu lire.

As sentenças (19) e (49) apresentam tous/tout em sua posição inicial, isolados; em (19), a NP objeto, de que tous faz parte, já foi removida por

CL-PL; (20)-(22) são exemplos da aplicação de L-TOUS, após CL-PL; e (50)-(52) comprovam o movimento de tout para a esquerda, exatamente como ocorre com tous, em (20)-(22). Kayne estabelece, então, que L-TOUS é a regra única que desloca tous/tout da posição de objeto para a esquerda.

Em português, temos fatos como:

(112) Eu queria ler tudo.

(113) Eu tinha tudo lido.

(114) Eu queria tudo ler.

(115) Eu tinha tudo querido ler.

O exemplo (112) apresenta o item tudo em sua posição original, não sendo caso de deslocamento; já (113)-(115) evidenciam que tal elemento pode mover-se para a esquerda. Como ficamos então? Até agora tudo levava a crer que no português L-TOUS não teria razão de ser, uma vez que o argumento base utilizado por Kayne para propor tal regra em francês - ou seja, o movimento para a esquerda do quantificador associado a NP's objeto no plural - não é válido no português, onde tal movimento não é permitido. Agora, no entanto, encontramos um paralelismo entre as duas línguas: tudo, como o tout francês, pode aparecer à esquerda de sua posição original. Mas apenas este fato não é suficiente para justificar que se postule uma regra como L-TOUS em português. Em primeiro lugar, há uma diferença básica entre o quantificador todos aqui discutido e o elemento tudo. Todos os exemplos comentados mostravam o quantificador como fazendo parte da estrutura do determinante de NP's plurais.; já as sentenças (112)-(115) evidenciam que tudo não é determinante de NP's plurais e sim uma NP como qualquer outra. Veja-se, por exemplo:

- (116) a-Eu vi o carro.
 b-Eu vi tudo.
- (117) a-Paulo disse mentiras a Maria.
 b-Paulo disse tudo a Maria.
- (118) a-A situação está sob controle.
 b-Tudo está sob controle.

As sentenças (116)-(118) comprovam que tudo pode ocupar posições próprias de NP's. Por conseguinte, sua distribuição não é a mesma do quantificador todos, em questão neste trabalho. Assim, o fato de que tudo move-se para a esquerda da posição de objeto - e as sentenças resultantes são gramaticais - deverá ser explicado por outra regra, não equivalente a L-TOUS, que já se provou desnecessária em português.

O quantificador todos, determinante de NP's plurais, não pode deslocar-se para a esquerda de sua posição original, como acontece em francês. Somente isto já é suficiente para se considerar que o movimento de tudo não se justificará por uma regra como L-TOUS e sim por uma outra regra qualquer, que não nos interessa discutir aqui, por estar fora do âmbito deste trabalho.

Assim sendo, depois de examinados os fatos do português equivalentes aos que foram analisados por Kayne, em francês, resta como conclusão o fato de que as duas línguas têm comportamentos diferentes, no que se refere ao movimento do quantificador associado a NP's objeto no plural; em português, não há evidências empíricas para que se postule uma regra como L-TOUS, que explicaria o deslocamento para a esquerda, de tal quantificador; o todos que faz parte do determinante de NP's objeto no plural não pode mover-se para a esquerda, como o equivalente tous francês.

3- A Regra de POSPOSIÇÃO DE QUANTIFICADOR(POS-Q) em Português

No capítulo anterior, procuramos analisar as duas regras sintáticas de movimento - R-TOUS e L-TOUS - postuladas por Kayne para o francês, com o objetivo de verificar se tais regras seriam também necessárias para explicar a distribuição do quantificador todos em estruturas superficiais portuguesas. Foram comentados apenas os casos paralelos aos do francês discutidos por Kayne e restaram como conclusão os seguintes fatos:

- A- Em português, assim como em francês, o quantificador todos, parte do determinante de NP's sujeito no plural, pode deslocar-se de sua posição inicial, colocando-se à direita de certos elementos da sentença, para fora do nóculo NP dominante; como consequência, teremos necessidade de propor uma regra de movimento semelhante a R-TOUS, também para o português. Convencionamos denominá-la POSPOSIÇÃO DE QUANTIFICADOR (POS-Q);
- B- Não foram encontradas evidências que mostressem o movimento de todos para a esquerda de sua posição original, quando associado a NP's objeto no plural; ao contrário do francês, tal deslocamento parece não ser permitido em português; assim sendo, uma regra como L-TOUS, como postulada por Kayne, não teria razão de ser em português.

Neste capítulo vamos procurar examinar mais detidamente dados adicionais do português, com vistas

a uma possível caracterização de POS-Q, em termos diferentes de R-TOUS, uma vez que a distribuição do quantificador todos poderá apresentar certas particularidades especiais, não correspondentes às de tous, em francês.

Terminaremos por apresentar uma sugestão de formalização de POS-Q, depois de analisar os dados relevantes e descobrir como tal regra deverá funcionar, para dar conta de explicar o comportamento do quantificador em sentenças portuguesas.

3.1- R-TOUS e POS-Q: uma análise comparativa

É baseado no fato de que, em francês, tous, associado a NP's sujeito no plural, pode aparecer em várias posições nas sentenças, sem que se altere seu significado, que Kayne acaba por reconhecer a necessidade de que se postule uma regra transformacional de movimento do quantificador para a direita, a que ele chamou de R-TOUS. Tal regra obedeceria a uma série de importantes restrições e daria conta de explicar a distribuição de tous em estruturas superficiais francesas, quando ligado a NP's sujeito no plural.

Na seção 2.1 examinamos R-TOUS e vimos que, também em português, haverá necessidade de se propor uma regra semelhante, uma vez que todos, parte de NP's sujeito no plural, pode deslocar-se de sua posição inicial, movendo-se para a direita. Assim explicaríamos, por exemplo, a ocorrência do quantificador em:

(69) Todos os meninos tinham ido para a escola.

(70) Os meninos tinham todos ido para a escola.

(71) Os meninos tinham ido todos para a escola.

A sentença (69) apresenta o quantificador associado à NP sujeito plural, fazendo parte da estrutura do determinante desta NP; já (70)-(71) mostram todos à direita de certos elementos da sentença, fora do nóculo NP relevante.

Seguindo o raciocínio de Kayne, (69)-(71) teriam como estrutura subjacente algo semelhante a (69):

(69) Todos os meninos tinham ido para a escola.

e (70)-(71) surgiriam da aplicação de uma regra de movimento do quantificador para a direita -POS-Q - a esta estrutura inicial:

(70) Os meninos tinham todos ido para a escola.

(71) Os meninos tinham ido todos para a escola.

Tais fatos são exatamente equivalentes aos que se observam em sentenças do francês discutidas por Kayne, que o levaram a postular R-TOUS.

Em francês, R-TOUS seria capaz de explicar o movimento para a direita do quantificador parte do determinante de NP's sujeito no plural; este movimento obedece, no entanto, a certas restrições e, em sua formulação, R-TOUS deve levar em conta tais restrições, para que não sejam geradas sentenças incorretas. Assim é que, por exemplo, R-TOUS desloca o quantificador para a direita, para fora do nóculo NP a que se associa. Esta condição precisa ser estabelecida, uma vez que não são gramaticais sentenças como:

(119)*Les garçons tous sont partis à la guerre

em que tous está à direita de 'les garçons', mas ainda fazendo parte de tal NP. A regra de movimen-

to coloca o quantificador à direita, fora do nóculo NP relevante; é isto que justifica o fato de que (119) não é gramatical, enquanto (2)-(3) o são:

(2) Les garçons sont tous partis à la guerre.

(3) Les garçons sont partis tous à la guerre.

As sentenças (2)-(3) seriam derivadas de uma estrutura semelhante a (1):

(1) Tous les garçons sont partis à la guerre.

através da aplicação de R-TOUS - regra de movimento que tira o quantificador do nóculo NP a que pertence e o coloca à direita de certos elementos da sentença.

Já em português, casos equivalentes a (119) são gramaticais. Compare-se:

(119)*Les garçons tous sont partis à la guerre.

(120) Os meninos todos tinham ido para a escola.

O exemplo (120) mostra o quantificador deslocado de sua posição original, à direita, fazendo parte da NP a que se associa e é gramatical. Assim, em português, teremos de refinar POS-Q, de modo a cobrir casos como (120). Para dar conta de explicar a distribuição de todos, em português, a primeira adaptação que POS-Q - equivalente a R-TOUS - deverá sofrer é a seguinte: o deslocamento de todos - gerado na estrutura do determinante de NP's sujeito no plural - para a direita pode dar-se mesmo dentro do nóculo NP a que pertence o quantificador.

Assim teríamos:

(69) Todos os meninos tinham ido para a escola.

(70) Os meninos tinham todos ido para a escola.

(71) Os meninos tinham ido todos para a escola.

(120) Os meninos todos tinham ido para a escola.

As quatro sentenças acima teriam a mesma estrutura profunda, que se aproximaria de (69): o quantificador está dentro do nóculo NP sujeito plural, fazendo parte da estrutura de seu determinante. Já as sentenças (70), (71) e (120) seriam resultado da aplicação de uma regra transformacional a esta estrutura; tal regra moveria todos para a direita de sua posição inicial, podendo, no entanto, permanecer, o quantificador, ainda fazendo parte da NP a que se liga, como se comprova em (120).

Em português, portanto, poderíamos formular POS-Q, considerando-se apenas os dados até agora vistos, da seguinte maneira:

(121) O quantificador todos, gerado na estrutura do determinante de NP's sujeito no plural, pode deslocar-se para a direita de sua posição original, permanecendo ou não como parte de tais NP's.

POS-Q será de aplicação opcional, uma vez que são gramaticais sentenças como:

(69) Todos os meninos tinham ido para a escola.

(72) Todos os alunos tinham saído da sala.

(122) Todos os soldados morreram.

que mostram o quantificador em sua posição original.

Observem-se agora as seguintes sentenças:

(123) Encontrei todos os meus amigos.

(124) Encontrei os meus amigos todos.

A sentença (123) apresenta o item todos fazendo parte da NP objeto plural; já (124) evidencia que este mesmo elemento pode também mover-se para a direita, permanecendo ainda associado à NP objeto 'os meus amigos'. Assim como (123)-(124) modelam-se muitas outras sentenças do português. Vejam-se, por exemplo:

(125) Maria ganhou todos aqueles presentes.

(126) Maria ganhou aqueles presentes todos.

(127) Paulo e eu vimos todos os acidentes.

(128) Paulo e eu vimos os acidentes todos.

Como se pode verificar, (125), ~~(126)~~ e (127), ~~(128)~~ apresentam as mesmas características de (123)-(124): (125) e (127) têm o quantificador como determinante de NP's objeto no plural; (126) e (128) demonstram o movimento para a direita, deste quantificador, que, em ambos os casos, continua fazendo parte de NP a que se liga. E não se pode negar o paralelismo do comportamento de todos nas sentenças (123)-(128), com a distribuição do quantificador que aparece associado a NP's sujeito no plural. Compare-se, por exemplo, qualquer uma das séries (123)-(124), (125)-~~(126)~~ ou (127)-(128) com:

(69) Todos os meninos tinham ido para a escola.

(120) Os meninos todos tinham ido para a escola.

(72) Todos os alunos tinham saído da sala.

(129) Os alunos todos tinham saído da sala.

Em (69) e (72) reconhecemos a presença do quanti-

ficador como determinante de suas NP's sujeito plural; (120) e (129) seriam derivadas de (69) e (72), respectivamente, através de POS-Q, que modifica a posição do quantificador, colocando-o à direita; nas sentenças (120) e (129), todos conserva-se ainda dentro da NP a que se associa:

(120) Os meninos todos tinham ido para a escola.

(129) Os alunos todos tinham saído da sala.

Considerando-se a semelhança entre a distribuição do quantificador que é gerado na estrutura do determinante de NP's sujeito plural e a ocorrência deste mesmo elemento, quando ele se prende a NP's objeto também no plural, poderíamos tentar reformular POS-Q, estendendo seu âmbito de ação, de modo a cobrir fatos como os que se revelam em (123)-(128).

Assim sendo, (121) sofreria uma primeira alteração. Para englobar todos os casos vistos, em que, numa estrutura subjacente, o quantificador aparece fazendo parte de NP's plurais, suponhamos que (121) tomasse a seguinte forma:

(130) O quantificador todos, gerado na estrutura do determinante de NP's plurais, pode deslocar-se para a direita de sua posição original, permanecendo ou não como parte de tais NP's.

Substituindo-se a expressão 'NP's sujeito no plural' (cf. (121)), por 'NP's plurais' (cf. (130)), estaríamos assim admitindo que POS-Q pode aplicar-se a qualquer NP, seja ela sujeito ou objeto. Observe-se, no entanto, que (130) ainda não é a forma ideal para POS-Q. Se, por um lado, conseguimos com apenas uma regra, tentativamente, explicar o deslocamento do quantificador ligado a NP's tanto sujeito quanto

objeto, por outro lado ficamos com uma regra cujo âmbito de ação é muito grande. Assim, por exemplo, em primeiro lugar, não sabemos ainda se é possível que todos, quando se situa dentro de uma NP objeto, possa destacar-se para fora desta NP a que pertence, uma vez, que, nas sentenças examinadas, mesmo depois de removido de sua posição original, o quantificador continua sob NP:

(124) Encontrei os meus amigos todos.

(126) Maria ganhou aqueles presentes todos.

(128) Paulo e eu vimos os acidentes todos.

Além disso, mesmo no que se refere a NP's sujeito, restam ainda outros pontos importantes a serem explorados, como por exemplo: o movimento do quantificador para a direita é inteiramente livre? POS-Q pode colocar o quantificador em qualquer posição na sentença, desde que seja à direita de sua posição original? Estas são algumas das questões que exigem uma resposta, se pretendemos esclarecer o problema da distribuição de todos em estruturas superficiais portuguesas.

Assim, examinem-se as seguintes sentenças:

(131) Todos os meus amigos partiram.

(132) Os meus amigos todos partiram.

(133) Os meus amigos partiram todos.

Em comparação com o francês, a série (131)-(133) revela uma particularidade interessante. As três sentenças são gramaticais. O exemplo (131) se aproximaria da estrutura profunda:

(131) Todos os meus amigos partiram.

e (132)-(133) surgiriam da aplicação de POS-Q a esta estrutura subjacente:

(132) Os meus amigos todos partiram.

(133) Os meus amigos partiram todos.

Em francês, no entanto, a situação é diferente:

(53) Tous mes amis partiront.

(54)*Mes amis tous partiront.

(55) Mes amis partiront tous.

As sentenças acima são utilizadas por Kayne para comprovar uma outra restrição a que R-TOUS deve obedecer: nunca se poderá colocar o quantificador antes de 'verbos finitos', isto é, antes de verbos em sua forma simples.¹ Em (54), tous, deslocado de sua posição original (cf. (53)), aparece antes do verbo finito 'partiront' e o resultado é não-gramatical. De (53), por R-TOUS, só poderá surgir (55), em que o quantificador passa para depois do verbo, situando-se em posição final na sentença.

Já o português comporta-se diferentemente. Não há necessidade de se estabelecer uma restrição deste tipo para POS-Q, uma vez que são gramaticais sentenças em que todos ocorre antes de verbos finitos conforme se pode reconhecer em (132):

(132) Os meus amigos todos partiram.

Até agora, todas as sentenças examinadas tinham o verbo em formas compostas; (131)-(133) são exemplos em que o verbo se apresenta em forma simples. Veremos se tal pormenor é relevante em português, para o estabelecimento de restrições a POS-Q. Comparem-se, então, as seguintes seqüências:

(69) Todos os meninos tinham ido para a escola.

- (70) Os meninos tinham todos ido para a escola.
- (71) Os meninos tinham ido todos para a escola.
- (120) Os meninos todos tinham ido para a escola.
- (134) Todos os meninos foram para a escola.
- (135) Os meninos foram todos para a escola.
- (136) Os meninos todos foram para a escola.

A partir da análise comparativa do primeiro grupo de sentenças - (69)-(71) e (120) -, com (134) - (136), pode-se chegar à conclusão preliminar de que nenhuma restrição especial precisará ser formulada, para dar conta do movimento de todos para a direita, quando este aparece em sentenças com os verbos em formas simples ou em formas compostas; evidentemente, deve-se levar em conta o fato de que todos poderá ocupar uma posição a mais, quando o verbo tem a forma composta; é o que a sentença (70) ilustra. No entanto, em linhas gerais, POS-Q deslocará o quantificador para as mesmas posições básicas, nos dois casos em discussão. Esteja o verbo em forma simples ou composta, todos aparecerá antes ou depois dele, sem maiores consequências para POS-Q.

Com isto, chegamos já a definir, de modo um pouco mais restrito, o âmbito de ação de POS-Q: tal regra muda de lugar o quantificador, colocando-o à direita da NP a que se liga; este mesmo quantificador pode, então, situar-se ainda dentro da NP ou fora dela, ocorrendo antes ou depois do verbo da sentença, ou entre o auxiliar e o verbo principal, no caso de formas compostas.

Com a análise dos dados nesta subseção, acreditamos ter explorado os pontos mais significativos numa comparação entre R-TOUS e POS-Q, demonstrando algumas das características de POS-Q, diferentes de R-TOUS. Trataremos, a seguir, de fatos adicionais

do português, para esclarecer novos detalhes a respeito do funcionamento de POS-Q.

3.2- POS-Q em Estruturas com Verbos Transitivos e Intransitivos

Na subseção anterior, dissemos que POS-Q, como uma possibilidade, coloca o quantificador depois do verbo da sentença; as frases seguintes mostram isto:

(71) Os meninos tinham ido todos para a escola.

(133) Os meus amigos partiram todos.

(135) Os meninos foram todos para a escola.

Examinando mais atentamente os exemplos dados, reconhecemos que (133) ilustra ainda um ponto interessante, relativo à colocação de todos em estruturas superficiais portuguesas: além de demonstrar que o quantificador pode, por uma regra de movimento, passar para depois do verbo, evidencia também o fato de que este mesmo quantificador tem a possibilidade de aparecer em final de sentença, o que não tinha sido até agora comprovado em nenhum dos exemplos vistos. Aí está, então, mais um aspecto a ser explorado, no que diz respeito ao âmbito de ação de POS-Q. Considerem-se, deste modo, os fatos abaixo:

(137) Todos os fatos surpreenderam Raul.

(138) Os fatos todos surpreenderam Raul.

(139)*Os fatos surpreenderam todos Raul.

(140)*Os fatos surpreenderam Raul todos.

A seqüência (137)-(140) deveria ser equivalente

a outras, já anteriormente indicadas: (137) se aproximaria da estrutura profunda e (138)-(140) seriam derivadas através da aplicação de POS-Q; as posições em que o quantificador se encontra nos três casos são perfeitamente admissíveis, podendo-se justificar tal afirmativa por meio de sentenças já discutidas. Em (138), à semelhança de (132):

(132) Os meus amigos todos partiram.

todos é deslocado de sua posição inicial, para a direita, situando-se ainda dentro da NP de que faz parte e antes de um verbo em forma simples. E (138), como (132), é gramatical. Mas (139) e (140), estranhamente, são não-gramaticais, ao contrário de que seria de se esperar. Veja-se, por exemplo, que (139) mostra o quantificador depois do verbo em forma finita, simples e deveria, portanto, ser gramatical, como (135):

(135) Os meninos foram todos para a escola.

No entanto, (139) não é aceita como gramatical:

(139)*Os fatos surpreenderam todos Raul.

E a sentença (140) também se afasta do que foi visto até agora: todos aparece em posição final na sentença, como em (133), por exemplo:

(133) Os meus amigos partiram todos.

Mas, ao contrário de (133), (140) não é gramatical:

(140)*Os fatos surpreenderam Raul todos.

Torna-se, então, necessário um exame mais acurado dos dados, para tentar descobrir porque não se ob-

serva o paralelismo esperado. Assim, compare-se:

(135) Os meninos foram todos para a escola.

(139)*Os fatos surpreenderam todos Raul.

As duas sentenças acima revelam particularidades em comum: os verbos estão em forma simples e o quantificador encontra-se imediatamente à sua direita. Por outro lado, (135) e (139) não são exatamente idênticas. Aproximadamente, subjacentes às duas, as seguintes estruturas respectivas:

(134) Todos os meninos foram para a escola.

(137) Todos os fatos surpreenderam Raul.

Em (134), o verbo da sentença é intransitivo; em (137), ele é transitivo. Esta poderia ser a razão para a diferença de comportamento dos exemplos dados, em relação a POS-Q. Vejamos outros casos, para comprovação:

(141) Todos os alunos saíram da sala.

(142) Os alunos saíram todos da sala.

(143) Todas as crianças comeram o bolo.

(144)*As crianças comeram todas o bolo.²

As séries acima parecem confirmar a hipótese levantada anteriormente: (142), que tem o verbo intransitivo, admite a aplicação de POS-Q, situando-se o quantificador logo após o verbo; já (144), em que o verbo é transitivo, não permite que POS-Q desloque todos para depois deste verbo. Observem-se os seguintes fatos:

- (145) Todos os homens gostam de futebol.
- (146) Todos os eleitores acreditaram no senador.
- (147) Todos os empregados obedeciam a seu chefe imediato.
- (148)*Os homens gostam todos de futebol.
- (149)*Os eleitores acreditaram todos no senador.
- (150)*Os empregados obedeciam todos a seu chefe imediato.³

A partir da análise de (135) e (139):

- (135) Os meninos foram todos para a escola.
- (139)*Os fatos surpreenderam todos Raul.

procuramos estabelecer uma restrição ao movimento do quantificador para a direita, em português, de modo a dar conta dos casos gramaticais, deixando de lado os não-gramaticais: todos poderá deslocar-se para depois do verbo da sentença, se este for intransitivo. Os exemplos (142) e (144) confirmaram a hipótese, uma vez que (142) é gramatical, tendo o quantificador depois do verbo intransitivo, enquanto (144), em que POS-Q se aplicou, situando todos em seguida a um verbo transitivo, não é gramatical:

- (142) Os alunos saíram todos da sala.
- (144)*As crianças comeram todas o bolo.

Usando as sentenças (148)-(150), vemos mais uma vez apoiada a teoria de que, com verbos transitivos, ~~POS-Q~~ não poderá deslocar o quantificador para de-

pois destes mesmos verbos. Em (148)-(150), os verbos são todos transitivos indiretos e as sentenças não são bem formadas:

(148)*Os homens gostam todos de futebol.

(149)*Os eleitores acreditaram todos no senador.

(150)*Os empregados obedeciam todos a seu chefe imediato.

Parece, portanto, que a condição a ser estabelecida em POS-Q deverá levar em conta o tipo de verbo da sentença: se ele é intransitivo, o quantificador poderá ser colocado depois dele; se, no entanto, é transitivo, seja direto ou indireto, não se permitirá o movimento do quantificador para fora do nóculo NP a que pertence. Assim, considerando-se as seguintes estruturas subjacentes:

(137) Todos os fatos surpreenderam Raul.

(143) Todas as crianças comeram o bolo.

(145) Todos os homens gostam de futebol.

(146) Todos os eleitores acreditaram no senador.

(147) Todos os empregados obedeciam a seu chefe imediato.

só serão geradas as seguintes sentenças, através da aplicação de POS-Q:

(138) Os fatos todos surpreenderam Raul.

(151) As crianças todas comeram o bolo.

(152) Os homens todos gostam de futebol.

(153) Os eleitores todos acreditaram no senador.

(154) Os empregados todos obedeciam a seu chefe imediato.

Isto porque, com verbos transitivos, o movimento de todos para a direita só se dará dentro do nóculo NP a que pertence o quantificador. Deste modo, fica já excluída a possibilidade de que, a partir de (137), seja gerada uma sentença não gramatical como:

(140)*Os fatos surpreenderam Raul todos.

Em (140), o quantificador ocupa a posição final de sentença e deveria ser gramatical, considerando-se o fato de que são corretas sentenças em que isto acontece, como por exemplo:

(133) Os meus amigos partiram todos.

No entanto, em (133) o verbo é intransitivo e POS-Q pode, então, mover todos para fora da NP a que se associa o quantificador, colocando-o logo em seguida ao verbo. Tal movimento não é permitido em casos com verbos transitivos; quando o verbo é transitivo, não se poderá deslocar o quantificador para a direita, para fora do nóculo NP a que pertence. Assim se explicará, portanto, a gramaticalidade de (133):

(133) Os meus amigos partiram todos.

e a não-gramaticalidade de (140):

(140)*Os fatos surpreenderam Raul todos.

E assim se impedirá a formação de outras senten

tenças más, tais como:

- (155) *As crianças comeram o bolo todas.
- (156) *Os homens gostam de futebol todos.
- (157) *Os eleitores acreditaram no senador todos.
- (158) *Os empregados obedeciam a seu chefe imediato todos.

Estas sentenças serão bloqueadas através da condição que estabelecemos para POS-Q: com verbos transitivos, só se poderá aplicar POS-Q, deslocando-se o quantificador para a direita de sua posição original, dentro do âmbito da NP a que se liga tal elemento.

Veja-se que, utilizando a condição acima, não estaremos impedindo a geração de sentenças boas, com verbos intransitivos como:

- (133) Os meus amigos partiram todos.
- (135) Os meninos foram todos para a escola.
- (142) Os alunos saíram todos da sala.

As sentenças acima não estarão sujeitas à restrição imposta, uma vez que têm verbos intransitivos; POS-Q, poderá, assim, mover o quantificador para a direita, tirando-o do nóculo NP relevante. Portanto, parece confirmar-se a hipótese que levantamos: para a aplicação de POS-Q, deve-se levar em conta o verbo da sentença; todos poderá ser deslocado para fora da NP a que pertence, apenas quando o verbo da sentença é intransitivo.

Entretanto, surge um outro problema, se aceitamos tal hipótese. Note-se que, do mesmo modo que daremos conta de sentenças boas como, por e-

xemplo:

(133) Os meus amigos partiram todos.

(135) Os meninos foram todos para a escola.

(142) Os alunos saíram todos da sala.

por outro lado, a limitação estabelecida não bloqueará sentenças como:

(159)*Os meninos foram para a escola todos.

(160)*Os alunos saíram da sala todos.

que não são boas. O que se verifica em tais casos é a ocorrência de todos, fora do nóculo NP a que pertence, em posição final de sentença. Já vimos que, com verbos intransitivos, o movimento do quantificador para a direita não precisa ficar restrito ao âmbito da NP relevante. Mas agora estamos comprovando que, mesmo com verbos intransitivos, POS-Q deverá obedecer a uma condição qualquer, para impedir (159)-(160) e outros casos semelhantes.

Conseguiremos excluir tais casos da gramática, se postularmos que, com verbos intransitivos, POS-Q poderá deslocar o quantificador para fora da NP a que se associa, apenas colocando-o imediatamente após o verbo. Deste modo, POS-Q faria algo como:

| | | | | | | |
|-------|-------------|---|---|---|-------|---|
| (161) | Q | - | X | - | V_i | |
| | 1 | | 2 | | 3 | |
| | | | | | | ⇒ |
| | \emptyset | | 2 | | 3+1 | |

Assim se justificará o fato de que (133) é gramatical, enquanto (159) e (160) não são:

(133) Os meus amigos partiram todos.

(159)*Os meninos foram para a escola todos.

(160)*Os alunos saíram da sala todos.

Os três exemplos têm em comum o aparecimento de todos no final das sentenças; em (133), no entanto, este elemento ocorre logo em seguida ao verbo; já em (159)-(160) isto não acontece. Veja-se ainda, que, propondo POS-Q como em (161), para verbos intransitivos, estaremos também explicando a gramaticalidade de (135) e de (142):

(135) Os meninos foram todos para a escola.

(142) Os alunos saíram todos da sala.

além de, por exemplo:

(162) Meus primos viajaram todos.

(163) Os gatos correram todos para a carne.

entre outros, que se modelam como os casos já discutidos.

Como um sumário do que foi visto até agora, com relação às características de POS-Q em português, poderemos dizer o seguinte:

A- Com verbos transitivos de qualquer espécie, o movimento do quantificador para a direita só poderá dar-se dentro do âmbito da NP a que se liga este quantificador. Assim, a partir de:

(164) Todos os filhos amam os pais.

(165) Todos os homens assistiram ao jogo.

(166) Todos os espectadores ganharam prêmios dos patrocinadores.

só podemos derivar:

(167) Os filhos todos amam os pais.

(168) Os homens todos assistiram ao jogo.

(169) Os espectadores todos ganharam prêmios dos patrocinadores.

B- Com verbos intransitivos, POS-Q poderá mover o quantificador para fora da NP a que se associa; neste caso, no entanto, o quantificador será colocado imediatamente em seguida ao verbo da sentença. Assim, aplicando-se POS-Q às seguintes estruturas subjacentes:

(170) Todos os ratos morreram.

(171) Todos os velhos passeiam pela praça.

(172) Todas as cartas chegarão amanhã.

terão origem:

(173) Os ratos todos morreram.

(174) Os velhos todos passeiam pela praça.

(175) As cartas todas chegarão amanhã.

e ainda:

(176) Os ratos morreram todos.

(177) Os velhos passeiam todos pela praça.

(178) As cartas chegarão todas amanhã.

E serão automaticamente bloqueadas:

(179)*Os velhos passeiam pela praça todos.

(180)*As cartas chegarão amanhã todas.

3.3- POS-Q em Estruturas com Intensificadores.

Nesta subseção iremos examinar alguns problemas que ocorrem quanto à distribuição de todos em sentenças com advérbios. Observe-se que POS-Q pode aplicar-se, e mover o quantificador para junto de um advérbio em posição posverbal, como em:

(181) Aquelas pessoas trabalham todas aqui.

(182) As crianças dormiam todas tranquilamente.

(183) Os jogadores chegaram todos hoje.

Em tais exemplos, temos verbos intransitivos acompanhados de advérbios de espécies variadas e, com a aplicação de POS-Q, o quantificador, parte da NP sujeito plural, é deslocado para depois do verbo. O resultado são sentenças gramaticais, como se previa pela condição B. Esta também prevê que serão não-gramaticais:

(184)*Aquelas pessoas trabalham aqui todas.

(185)*As crianças dormiam tranquilamente todas.

(186)*Os jogadores chegaram hoje todos.⁴

Em (184)-(186), o quantificador se destaca da NP sujeito plural a que se liga, situando-se em posição final na sentença, depois dos advérbios. Sabemos, porém, que não será possível realizar tal movimento, bloqueado pela condição B, que permite a colocação do item todos, quando fora de sua NP,

apenas à direita do verbo intransitivo. Não há necessidade, portanto, de especificar que a regra POS-Q não deve se aplicar movendo o quantificador por cima de advérbios, como os que se apresentam em (184)-(186).

Observe-se agora a seqüência abaixo:

(187) Todos os alunos estudaram muito.

(188) Durante o espetáculo, todas as pessoas riam bastante.

(189) No festival, todos os corais cantam bem.

Às estruturas acima, pode-se aplicar POS-Q. Em suas NP's sujeito aparece um quantificador, cuja posição poderá variar, justamente através de POS-Q. Considerando as características de tal regra, até agora discutidas, de (187)-(189) serão derivadas:

(190) Os alunos todos estudaram muito.

(191) Durante o espetáculo, as pessoas todas riam bastante.

(192) No festival, os corais todos cantam bem.

Nestes três exemplos, todos foi movido de sua posição original para a direita, continuando como parte ~~da~~ NP a que pertence. E são gramaticais. Ainda através de POS-Q, desta vez levando em conta a condição B, seriam geradas:

(193)*Os alunos estudaram todos muito.

(194)*Durante o espetáculo, as pessoas riam todas bastante.

(195)*No festival, os corais cantam todos bem.

Há, aí, no entanto, um problema: as sentenças resultantes são não-gramaticais, ao contrário do que se deveria esperar. Veja-se que (193)-(195) se modelam como (181)-(183):

(181) Aquelas pessoas trabalham todas aqui.

(182) As crianças dormiam todas tranqüilamente.

(183) Os jogadores chegaram todos hoje.

em que a regra de movimento do quantificador para a direita tira-o fora da NP relevante e o coloca imediatamente após o verbo, intransitivo. Deste modo, (193)-(195) obedecem às condições para a gramaticalidade de sentenças a que se aplicará POS-Q; porém, não são gramaticais. Como explicar tal fato? Examinando os três casos em detalhes, verifica-se que, nas estruturas subjacentes a eles, os verbos intransitivos são seguidos de advérbios do tipo intensificador, como: muito, bastante, bem.⁵

E pode-se comprovar que, sempre que verbos intransitivos são acompanhados de advérbios desta espécie, não é permitido o deslocamento do quantificador, de sua NP para depois do verbo. Nestas circunstâncias, POS-Q terá seu âmbito de ação limitado: só moverá o quantificador para a direita, dentro da NP a que se liga. Veja-se então:

(196)*Os cronistas desportivos falam todos muito.

(197)*Para o sucesso da campanha, as equipes trabalharam todas demais.

(198)*Os turistas passearão todos mais, na próxima excursão a Roma.

John Bowers faz uma análise interessante destes advérbios intensificadores em inglês, accompa--

nhando adjetivos e outros advérbios, no trabalho in-
 titulado "Adjectives and Adverbs in English".⁶ En-
 contra vários argumentos sintáticos para considerar
so, too, enough, more, etc, como elementos de uma
 espécie particular, que podem ser "especificadores"
 de frases adjetivas ou adverbiais, cuja estrutura
 interna será semelhante à de frases nominais. As ob-
 servações de John Bowers são relevantes para o
 nosso trabalho, apenas na medida em que evidenciam
 a necessidade de se considerar tais itens como uma
 classe determinada, diferente de outros advérbios.
 E isto poderia servir de explicação para a diferen-
 ça de comportamento de POS-Q, quando ela se a-
 plica a sentenças com verbos intransitivos, segui-
 dos ou não de advérbios intensificadores.

De qualquer modo, resta como conclusão o fato
 de que, em português, haverá necessidade de distin-
 guir elementos como multo, bastante, mais, pouco,
bem, etc, de outros advérbios, para impedir a gera-
 ção de sentenças não-gramaticais, através de POS-Q.
 Poderemos refinar (161), de forma a cobrir os ca-
 sos discutidos:

$$\begin{array}{rcccl}
 (161) & Q & - & X & - & V_i & \\
 & 1 & & 2 & & 3 & \\
 & & & & & & \Rightarrow \\
 & \emptyset & & 2 & & 3+1 &
 \end{array}$$

Assim, diríamos, por exemplo: com verbos in-
 transitivos, POS-Q poderá mover o quantificador
 para fora da NP a que pertence, apenas quando os
 verbos não estão acompanhados de advérbios intensifi-
 cadores; nos casos em que o movimento é permitido,
 no entanto, o quantificador só ocupará a posição
 imediatamente depois do verbo.

Então:

| | | | | | | | | |
|-------|-------------|---|---|---|-------|---|---|---------------------------------|
| (199) | Q | = | X | + | V_i | - | Z | |
| | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | <u>Condição:</u> |
| | | | | | | | | \Rightarrow Z \neq Adv.Int. |
| | \emptyset | | 2 | | 3+1 | | 4 | |

Com isto, explicariamos, dentre outros, os seguintes exemplos:

(177) Os velhos passeiam todos pela praça.

(181) Aquelas pessoas trabalham todas aqui.

(190) Os alunos todos estudaram muito.

(179)*Os velhos passeiam pela praça todos.

(184)*Aquelas pessoas trabalham aqui todas.

(193)*Os alunos estudaram todos muito.

(200)*Os alunos estudaram muito todos.

As sentenças (177), (181) e (190) são gramaticais; nas duas primeiras, o quantificador está deslocado para a direita, para fora de sua NP, situado imediatamente depois de verbos intransitivos não acompanhados de advérbios intensificadores; em (190), o quantificador está à direita de sua posição original, mas ainda fazendo parte de sua NP.

Já (179), (184), (193) e (200) não são gramaticais; as frases (179), (184) e (200) violam a regra que diz: com verbos intransitivos, se o quantificador for tirado do nóculo NP a que se associa, só poderá vir imediatamente depois do verbo; a não-gramaticalidade de (193) é explicada pelo fato de que, quando temos verbos intransitivos acompanhados de advérbios intensificadores, POS-Q tem sua ação limitada ao âmbito da NP em que está o quantificador.

3.4- POS-Q em Estruturas com Cópulas

Nas subseções imediatamente anteriores, examinamos certas restrições envolvendo o movimento do quantificador para a direita em português, em sentenças com verbos intransitivos ou transitivos. Nesta subseção iremos investigar como será o funcionamento de POS-Q, se a estrutura em que o quantificador aparece apresenta um verbo de ligação ou cópula. Atente-se, então, para:

(201) Todas as crianças ficaram molhadas.

(202) Todas as roupas estão limpas.

(203) Todos aqueles balões são azuis.

De (201)-(203), removendo-se todos de sua posição original, serão derivadas:

(204) As crianças todas ficaram molhadas.

(205) As roupas todas estão limpas.

(206) Aqueles balões todos são azuis.

Note-se, que, em (204)-(206), o quantificador, embora deslocado de sua posição original para a direita, continua fazendo parte da NP sujeito e o resultado é gramatical. Explorando ainda outras possibilidades na distribuição de todos em português, de (201)-(203) seriam originadas:

(207) As crianças ficaram todas molhadas.

(208) As roupas estão todas limpas.

(209) Aqueles balões são todos azuis.

As sentenças acima são bastante interessantes. Em

primeiro lugar, poderiam ser vistas como resultado da aplicação de POS-Q às estruturas subjacentes respectivas, semelhantes a (201)-(203):

(201) Todas as crianças ficaram molhadas.

(202) Todas as roupas estão limpas.

(203) Todos aqueles balões são azuis.

Neste caso, estaríamos comprovando que POS-Q funciona de modo aproximado em sentenças com verbos intransitivos e com cópulas. Veja-se que, em (207)-(209), o quantificador foi destacado de sua NP e colocado logo em seguida ao verbo de ligação, exatamente como acontece com intransitivos. Compare-se, por exemplo:

(176) Os ratos morreram todos.

(177) Os velhos passeiam todos pela praça.

(178) As cartas chegarão todas amanhã.

(207) As crianças ficaram todas molhadas.

(208) As roupas estão todas limpas.

(209) Aqueles balões são todos azuis,

Para confirmar esta primeira hipótese, considerem-se os seguintes casos:

(210) As crianças ficaram todas meio molhadas.

(211) As roupas estão todas bem limpas.

(212) Aqueles balões são todos muito azuis.

Observe-se que, nos exemplos acima citados, mais claramente se percebe a relação existente en-

tre o quantificador e a NP sujeito plural; e aí também se evidencia a possibilidade de ocorrência de todos, fora da NP a que se liga, em seguida ao verbo de ligação. Assim sendo, até agora tudo parece sustentar a hipótese de que o movimento do quantificador associado a NP's sujeito no plural obedeceria às mesmas condições, para sentenças com verbos intransitivos e para sentenças em que aparece uma cópula.

Quando foram examinados os casos em que existiam verbos intransitivos, ficou patente o fato de que, fora de sua NP, a única posição permitida ao quantificador é a de imediatamente seguinte ao verbo. A colocação de todos em qualquer outro lugar na sentença, torna-a não-gramatical. Vejamos se o mesmo é verdade para exemplos com cópulas:

(213)*As crianças ficaram molhadas todas.

(214)*As roupas estão limpas todas.

(215)*Aqueles balões são azuis todos.⁷

Mais uma vez se verifica o paralelismo de funcionamento de POS-Q, quando estão envolvidos verbos intransitivos e de ligação; também são incorretas as sentenças (213)-(215).

Conseqüentemente, a formulação de POS-Q como em (199), que se tornou necessária para dar conta de gerar apenas sentenças gramaticais com verbos intransitivos, agora servirá também para explicar sentenças com verbos de ligação:

| | | | | | | | | |
|-------|-------------|---|---|---|-------|---|---|--------------------------|
| (199) | Q | - | X | - | V_i | - | Z | |
| | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | <u>Condição:</u> |
| | | | | | | | | $Z \neq \text{Adv.Int.}$ |
| | \emptyset | | 2 | | 3+1 | | 4 | |

É evidente que a consideração a respeito de advérbios intensificadores não irá vigorar para cópulas, que se acompanham de frases predicativas. Em (210)-(212), estas frases predicativas apresentam um advérbio intensificador relacionado com o adjetivo:

(210) As crianças ficaram todas meio molhadas.

(211) As roupas estão todas bem limpas.

(212) Aqueles balões são todos muito azuis.

A situação das sentenças acima é, portanto, diferente da que se reconhece em (193)-(195), por exemplo, onde os advérbios intensificadores referem-se aos verbos, intransitivos:

(193)*Os alunos estudaram todos muito.

(194)*Durante o espetáculo, as pessoas riam todas bastante.

(195)*No festival, os corais cantam todos bem.

Assim, para cobrir os casos de movimento de todos para a direita, em sentenças com verbos intransitivos e com cópulas, POS-Q seria algo como (216), considerando-se o que discutimos até o momento:

| | | | | | | | | |
|-------|---|---|---|---|---|---------------|---|------------------|
| (216) | Q | - | X | - | $\left. \begin{array}{c} V_1 \\ \text{Cop.} \end{array} \right\}$ | - | Z | <u>Condição:</u> |
| | 1 | | 2 | | 3 | | 4 | Z ≠ Adv.Int. |
| | | | | | | \Rightarrow | | |
| | ∅ | | 2 | | 3+1 | | 4 | |

Vejamos agora um segundo tipo de problema em -

volvendo a ocorrência de todos em estruturas como ópulas. Considerem-se novamente sentenças como:

(207) As crianças ficaram todas molhadas.

(208) As roupas estão todas limpas.

(209) Aqueles balões são todos azuis.

Ao examinarmos mais atentamente (207)-(209) , vemos que são ambíguas. A primeira leitura que poderíamos reconhecer para elas é a que as relaciona a (201)-(203), de onde se derivariam através de POS-Q:

(201) Todas as crianças ficaram molhadas.

(207) As crianças ficaram todas molhadas.

(202) Todas as roupas estão limpas.

(208) As roupas estão todas limpas.

(203) Todos aqueles balões são azuis.

(209) Aqueles balões são todos azuis.⁸

Nos três grupos acima, a primeira estrutura se aproximaria da subjacente, mostrando o quantificador em sua posição original, como parte do determinante das NP's sujeito no plural; já a sentença seguinte seria originária da anterior, através da aplicação de POS-Q, regra de movimento do quantificador para a direita, que, nos casos em questão, desloca o todos para fora da NP a que se associa, situando-o logo em seguida ao verbo de ligação. Deste modo, todos, em (207)-(209), está ligado à NP sujeito, significando 'totalidade, conjunto'.

Mas há uma segunda leitura para (207)-(209), que não está relacionada a (201)-(203). Nessa leitura,

todos se associa não à NP sujeito, mas ao adjetivo que se lhe segue, com o significado de 'inteiramente, completamente'. Assim, (207)-(209) teriam essencialmente o sentido de:

(217) As crianças ficaram inteiramente molhadas.

(218) As roupas estão inteiramente limpas.

(219) Aqueles balões são inteiramente azuis.

A explicação que os fatos imediatamente apontam é que:

A- Todos pode ser gerado ora como parte do determinante de NP's plurais, ora como parte de 'frase adjetiva' (AP);

B- A diferença entre os dois casos será devida à atuação das regras de interpretação semântica, que darão uma ou outra leitura, conforme esteja o quantificador dominado por NP ou por AP.

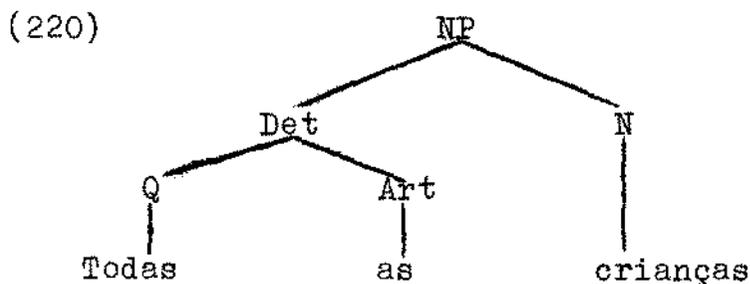
Então, por exemplo, quando (207):

(207) As crianças ficaram todas molhadas.

se relaciona a (201):

(201) Todas as crianças ficaram molhadas.

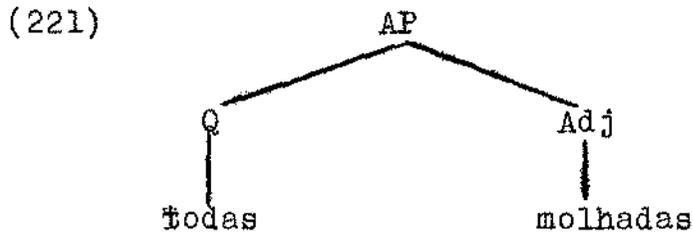
teríamos, na estrutura subjacente, algo como:



Já quando (207) tem a leitura que essencialmente corresponde a (217):

(217) As crianças ficaram inteiramente molhadas.

a estrutura subjacente seria semelhante a:



A força desta hipótese depende, é claro, de se encontrar motivação independente para propor estruturas sintáticas em que todos seja dominado por AP e não por NP. Na verdade, vemos que há evidências para isto.

Em português, a exemplo do que Kayne aponta para o francês,⁹ não pode haver dois todos ligados à mesma NP. Assim, não podemos ter sentenças como:

(75) *Todos os meninos tinham ido todos para a escola.

(76) *Todos os meninos tinham todos ido para a escola.

(77) *Os meninos tinham todos ido todos para a escola.

Entretanto, são gramaticais sentenças em que se verificam duas ocorrências de todos e apenas uma NP:

(222) Todas as crianças ficaram todas molhadas.

(223) Todas as roupas estão todas limpas.

(224) Todos aqueles balões são todos azuis.

Se, em (222)-(224), todos só pudesse estar associado à NP sujeito, as sentenças seriam não-gramaticais, pois, então, teríamos dois quantificadores sob o mesmo nóculo NP, o que já se comprovou não ser permitido em português (cf. (75)-(77)). Assim sendo, em (222)-(224), há um todos relacionado ao adjetivo e não à NP sujeito.

Um segundo argumento a favor da hipótese acima pode ser encontrado tomando-se por base as seguintes sentenças:

(225) *Muitos alunos todos prestaram exame.

(226) *Alguns todos amigos não apareceram.

(227) *Várias pessoas compareceram algumas.

A não-gramaticalidade dos exemplos acima parece comprovar o fato de que, em português, não podemos ter mais de um quantificador, quaisquer que eles sejam, associado a uma só NP. Isto poderia ser evitado de modo natural, se as regras de base permitissem apenas um nóculo Q, dominado por NP.

Mas veja-se que temos sentenças como:

(228) Algumas crianças ficaram todas molhadas.

(229) Várias roupas estão todas limpas.

(230) Muitos daqueles balões são todos azuis.

Nos casos acima, o todos não poderia ser dominado por NP, pois apenas um quantificador será gerado sob tal nóculo e, em (228)-(230), esta posição já está preenchida por algumas, várias e muitos, respectivamente,

Logo, a conclusão é a de que todos pertence a um outro nóculo. E estamos admitindo que este será AP, baseando-nos no fato de que todos concorda com o adjetivo que lhe segue, o que constitui forte evi-

dência de que ambos - Q e Adj - estão dominados pelo mesmo nóculo.

Se a explicação aqui dada for correta, ela tem implicações importantes para a teoria linguística. Veja-se que estamos formulando a hipótese de que todos pode ser gerado como parte do determinante de NP's plurais, com a significação de 'totalidade, conjunto' e também ser dominado por AP, tendo, então, o sentido aproximado de 'inteiramente, completamente'. Ora, se é verdade que as regras semânticas interpretam diferentemente o todos, conforme esteja ele dominado por NP ou por AP, segue-se que a estrutura sintática em que todos ocorre é relevante para a interpretação semântica. E isto se constitui em evidência em favor da existência do nível de 'estrutura profunda', proposta na 'teoria standard'.

3.5- A Regra POS-Q: Caracterização

Nas subseções anteriores, procuramos explorar dados adicionais do português, não paralelos aos que foram examinados por Kayne, em francês, com o objetivo de apontar as características da regra de movimento do quantificador para a direita, tentando explicar, assim, as ocorrências de todos em estruturas superficiais portuguesas.

Assim chegamos a POS-Q, caracterizada da seguinte maneira:

- I- Regra de movimento que desloca o quantificador - gerado na estrutura do determinante de NP's plurais - para a direita de sua posição original ;
- II- De aplicação opcional;
- III - Posições em que POS-Q pode colocar o Q:

- A- Dentro do nóculo NP relevante, o Q pode sempre aparecer à direita do N;
- B- Fora do nóculo NP relevante, devem ser observadas algumas condições. Quando o Q faz parte de uma NP sujeito, considere-se:
- a- Com verbos transitivos, não é permitido o movimento do Q para fora do nóculo NP a que se liga;
 - b- Com verbos intransitivos, o Q deverá seguir imediatamente o verbo, se este não for acompanhado de um advérbio intensificador;
 - c- Com verbos de ligação, o Q deverá aparecer logo em seguida ao verbo.

A caracterização acima sempre poderá ser acrescida de novos detalhes, a partir do exame de outros dados. Assim, por exemplo, não se explorou ainda a possibilidade de deslocação do Q para fora do nóculo NP relevante, quando a NP é objeto. Atente-se, então, para:

(231) Eu li todos os livros ontem.

(232) Eu li livros todos ontem.

(233)*Eu li os livros ontem todos.

Em (231) temos o quantificador em sua posição básica; na sentença (232) já apresenta este mesmo quantificador à direita, movido através de POS-Q, mas ainda fazendo parte da NP objeto a que se associa na estrutura subjacente; já (233), em que o quantificador foi deslocado para fora de sua NP, não é gramatical. Assim sendo, parece não ser possível remover o quantificador para fora da NP objeto a que pertence. Outros exemplos servirão para confirmar a hipótese estabelecida:

(234) Maria falou a todas as crianças no parque.

(235)*Maria falou às crianças no parque todas.

(236) Aquele homem deu todos os brinquedos para o filho.

(237)*Aquele homem deu os brinquedos para o filho todos.

A não-gramaticalidade de (235) e (237) vem demonstrar, mais uma vez, que, tratando-se de NP's objeto, POS-Q tem sua ação limitada ao âmbito desta mesma NP a que se liga o quantificador.

Como uma tentativa de formalização de POS-Q, considerando-se os fatos discutidos, poderíamos sugerir:

| | | | | | | | | | |
|-------|---|---|---|---|----|---|---|---|-------------------|
| (238) | X | - | Q | - | Y- | $\left. \begin{array}{c} \text{N} \\ \text{ter} \\ \text{haver} \\ \text{ir} \\ \text{V}_i \\ \text{Cop.} \\ \dots \\ \dots \end{array} \right\}$ | - | Z | <u>Condição:</u> |
| | | | | | | | | | Z \neq Adv.Int. |
| | 1 | | 2 | | 3 | 4 | | 5 | |
| | | | ∅ | | 3 | 4+2 | | 5 | ⇒ |

Não se deve esquecer de que esta é apenas uma tentativa de apresentação de POS-Q em termos formais. Evidentemente, há ainda outros pontos importantes a serem investigados, para que se determine a adequação real desta apresentação.

Sabemos, por exemplo, que, formulada deste modo, a regra é muito poderosa. Estamos, no entanto, supondo que condições gerais sobre transformações - sujeito especificado lexicamente, Tensed-S, A-sobre-A,

etc - agiriam sobre ela, impedindo assim a formação de sentenças más. Além disso, também revelaria de detalhes significativos a respeito de POS-Q a análise desta regra em relação ao ciclo transformacional. Mas estes são aspectos que serviriam de motivo para um outro trabalho.

NOTAS

¹A sentença (54) é não-gramatical em francês:

(54)*Mes amis tous partiront.

Kayne explica tal fenômeno postulando que R-TOUS não pode deslocar o quantificador para antes de um verbo finito, exatamente o que ocorre em (54). No entanto, ainda mesmo dentro da proposta de Kayne, poderia ser outra a explicação para a não-gramaticalidade de (54). Ele argumenta que R-TOUS só poderá deslocar o quantificador para a direita, colocando-o fora do nóculo NP a que pertence, ou o resultado será incorreto. Ora, em (54), tous, movido para a direita, continua fazendo parte da NP a que se associa. Assim sendo, (54) já seria não-gramatical, mesmo não se estabelecendo a restrição de que R-TOUS não pode mover o quantificador para antes de verbos finitos.

²Alguns falantes aceitam a sentença (144):

(144)*As crianças comeram todas o bolo.

mas a entonação deverá modificar-se, de alguma forma - dando-se ênfase, através de uma pausa, por exemplo, ao elemento todas. Assim sendo, não nos interessa discutir este fenômeno, uma vez que estará fora do âmbito de nosso trabalho. Propomo-nos a estudar uma regra transformacional de movimento, dentro do componente sintático da gramática; portanto, só será motivo de discussão mais detalhada apenas o que puder ser explicado por meio de argumentos sintáticos; fatos que necessitarem de referência aos outros componentes da gramática - semântico e fonológico - não serão usados como argu -

mentos, embora se possa fazer menção a eles.

³Do mesmo modo que (144), as sentenças (148)-(150) são aceitas, se se utiliza uma entonação especial, enfatizando-se o quantificador todos:

(144)*As crianças comeram todas o bolo.

(148)*Os homens gostam todos de futebol.

(149)*Os eleitores acreditaram todos no senador.

(150)*Os empregados obedeciam todos a seu chefe imediato.

Como já se disse antes, tal fato não será considerado um problema a ser resolvido por este trabalho que tentará usar apenas argumentos sintáticos para decidir entre hipóteses levantadas.(cf. nota anterior).

⁴A série (184)-(186) também revela o fenômeno já citado: com uma entonação especial - usando-se a pausa, por exemplo - as sentenças tornam-se gramaticais. Assim, por exemplo:

(184')Aquelas pessoas trabalham aqui, todas.

(185')As crianças dormiam tranquilamente, todas.

(186')Os jogadores chegaram hoje, todos.

Já esclarecemos, no entanto, que tais casos, não serão discutidos neste trabalho.

⁵A gramática tradicional classifica tais elementos como advérbios de intensidade. Veja-se, por exemplo:

Cunha, Celso (1970) Gramática do Português Contem-

poráneo, Bernardo Alvares, Belo Horizonte. p. 369.

⁶Para maiores detalhes da argumentação de John Bowers, veja-se:

Bowers, John (1970). "Adjectives and Adverbs in English". M.I.T., inédito. Reproduced by Indiana University Linguistic Club, Dec. 1971.

O objetivo básico do autor é mostrar as similaridades existentes entre a estrutura interna de frases adjetivas e adverbiais e a estrutura interna de frases nominais. Para o nosso trabalho, portanto, a discussão de Bowers tem interesse apenas até certo ponto.

⁷Novamente não vamos considerar aqui o fato de que sentenças como (213)-(215) são gramaticais e têm o mesmo sentido de (201)-(203):

(201) Todas as crianças ficaram molhadas.

(202) Todas as roupas estão limpas.

(203) Todos aqueles balões são azuis.

se uma pausa, por exemplo, destaca o elemento todos do resto da frase. Assim:

(213') As crianças ficaram molhadas, todas.

(214') As roupas estão limpas, todas.

(215') Aqueles balões são azuis, todos.

Como o fenômeno será explicado usando-se o componente fonológico da gramática, não será assunto deste trabalho.

⁸Deve-se apontar aqui que, para alguns falantes, esta primeira leitura possível, para sentenças como (207)-(209), na verdade só é encontrada, se se modifica a entonação, enfatizando-se o quantificador de alguma forma, como por exemplo :em:

(207') As crianças ficaram, todas, molhadas.

(208') As roupas estão, todas, limpas.

(209') Aqueles balões são, todos, azuis.

Neste caso, então, já não seriam relevantes para este trabalho. E deixariam de ser ambíguas, não se originando em (201)-(203):

(201) Todas as crianças ficaram molhadas.

(202) Todas as roupas estão limpas.

(203) Todos aqueles balões são azuis.

⁹Cf. Kayne, Richard (1969) The Transformational Cycle in French Syntax, op. cit. p. 8

4- Problemas Adicionais de Posição do Quantificador em Português

No capítulo anterior, exploramos as possibilidades de movimento do quantificador todos para a direita, numa tentativa de caracterizar a regra POS-Q, responsável pela geração de sentenças gramaticais portuguesas com o elemento em questão sendo gerado como parte da estrutura do determinante de NP's plurais.

Neste capítulo procuraremos discutir algumas questões relacionadas às posições em que o quantificador todos pode ocorrer, não abrangidas pela regra, postulada para dar conta do deslocamento de todos parte de NP's plurais. Tentaremos, portanto, examinar novas estruturas em que aparece o todos, propondo que ele seja gerado sob outros nódulos diferentes, baseando-nos em mudanças de significação relacionadas às posições diversas, ocupadas pelo quantificador em sentenças da língua.

4.1- 'Todos' Associado a Adjetivos

Na subseção 3.4, do capítulo anterior¹, examinamos estruturas em que o quantificador aparece associado a NP's sujeito no plural, sendo o verbo das sentenças uma cópula. Assim, atente-se novamente para:

(201) Todas as crianças ficaram molhadas.

(202) Todas as roupas estão limpas.

(203) Todos aqueles balões são azuis.

Através de POS-Q, como uma possibilidade, de (201)-(203) seriam derivadas:

(207) As crianças ficaram todas molhadas.

(208) As roupas estão todas limpas.

(209) Aqueles balões são todos azuis.

Depois de considerar mais atentamente as sentenças acima, acabamos por reconhecer o fato de que sua significação pode ser outra, associando-se o quantificador ao adjetivo e não à NP sujeito plural; neste caso, (207)-(209) teriam uma origem diferente de (201)-(203). O elemento todos estaria reforçando a noção expressa pelo adjetivo, tendo o sentido de 'inteiramente, completamente'. Na estrutura subjacente, portanto, este todos não é gerado como parte do determinante de NP's plurais; há necessidade de postular que ele aparecerá sob um outro nódulo, nestas circunstâncias.

Uma vez que, em (207)-(209) e em outros exemplos equivalentes, o todos está acompanhando o adjetivo que se lhe segue, seria plausível propor que, então, seja gerado sob AP, isto é, como parte da frase adjetiva. E sua posição básica seria justamente como em (207)-(209), isto é, antecedendo o adjetivo; assim, por exemplo:



Partindo-se deste pressuposto, será interessante verificar as possibilidades de movimento do todos parte da AP.

Agora admitindo que (207)-(209) se aproximam da estrutura subjacente, em que todos se associa ao adjetivo, antecedendo-o, se fosse permitido deslocar de posição, para a direita, este elemento, seriam

derivadas:

(239)*As crianças ficaram molhadas todas.

(240)*As roupas estão limpas todas.

(241)*Aqueles balões são azuis todos.

As sentenças resultantes são não-gramaticais ; assim sendo, parece que a mudança de posição deste elemento para a direita não é possível. Vejamos outros exemplos:

(242) Gosto de casas todas brancas.

(243) Os jardins todos floridos anunciavam a chegada da primavera.

(244) Com o trabalho, os homens ficaram todos sujos.

Vamos supor, como ponto de partida, que todos, parte de AP, está sujeito às mesmas condições que o todos, parte de NP, quanto às probabilidades de movimento. Assim sendo, (242)-(244) seriam a fonte de:

(245)*Gosto de casas brancas todas.

(246)*Os jardins floridos todos anunciavam a chegada da primavera.

(247)*Com o trabalho, os homens ficaram sujos todos.

Mas acontece que o resultado de tal variação é não-gramatical. Portanto, não se justifica a premissa de que os dois todos possam deslocar-se obedecendo a restrições idênticas.

No capítulo anterior, apontamos que é sempre

permittedo ao quantificador gerado sob o nódulo NP mover-se para a direita do N, continuando sob o domínio de NP. Assim se justificaria a gramaticalidade, por exemplo, de:

(120) Os meninos todos tinham ido para a escola.

(124) Encontrei os meus amigos todos.

(132) Os meus amigos todos partiram.

(138) Os fatos todos surpreenderam Raul.

(204) As crianças todas ficaram molhadas.

As sentenças acima são, todas, gramaticais e exemplos da aplicação de POS-Q.: o quantificador aparece deslocado de sua posição original, à direita do N, ainda dentro do nódulo NP a que pertence.

Se admitimos que o todos gerado sob AP muda de posição do mesmo jeito que o outro, deveríamos supor que seria possível uma alteração como a que se verifica em (245)-(247):

(245)*Gosto de casas brancas todas.

(246)*Os jardins floridos todos anunciavam a chegada da primavera.

(247)*Com o trabalho, os homens ficaram sujos todos.

Nestas sentenças, temos o todos imediatamente à direita do adjetivo, ainda fazendo parte de AP; no entanto, como já se reconheceu, elas não são bem formadas. Conclui-se, então, que não é válido admitir-se que os dois todos - um, parte de NP e outro, parte de AP - estão sujeitos às mesmas res-

trições, quanto às possibilidades de movimento. E mais uma vez confirma-se a teoria de que o deslocamento de todos pertencente a AP deve ser proibido, para impedir sentenças más como (245)-(247).

Uma outra suposição poderia ser feita, a partir da análise dos dados até agora vistos. Estes dados comprovaram que não é permitido mover-se o todos, que significa 'inteiramente, completamente', para a direita, dentro do nódulo AP. Mas isto não é suficiente para se alegar que tal elemento deve permanecer sempre na mesma posição, sem sofrer qualquer espécie de mudança. Vamos admitir, por exemplo, que ele possa destacar-se para fora de AP, para a direita. Assim:

(243) Os jardins todos floridos anunciavam a chegada da primavera.

(248) As roupas todas brancas ficaram sujas.

(249) Os gatos todos malhados correram para o abrigo.

(250) Aqueles homens todos pintados gostam de carnaval.

Removendo-se todos da AP em que se encontra, obteríamos:

(251)*Os jardins floridos anunciavam todos a chegada da primavera.

(252) As roupas brancas ficaram todas sujas.

(253) Os gatos malhados correram todos para o abrigo.

(254)*Aqueles homens pintados gostam todos de carnaval.

A série acima é bastante interessante. Em primeiro lugar, (251)-(254) não parecem derivadas de (243), (248)-(250), uma vez que, em (251)-(254), estamos em presença do quantificador associado a NP e não a AP. As sentenças (251) e 254) não são gramaticais, a não ser que se modifique a entonação, enfatizando-se o quantificador. Elas seriam originárias de algo semelhante a:

(255) Todos os jardins floridos anunciavam a chegada da primavera.

(256) Todos aqueles homens pintados gostam de carnaval.

Aí temos o quantificador ligado a uma NP plural, traduzindo a idéia de 'totalidade, conjunto'. E como as sentenças têm verbos transitivos, não será permitido removê-lo para a direita, para fora de sua NP. Daí a não-gramaticalidade de (251) e (254):

(251)*Os jardins floridos anunciavam todos a chegada da primavera.

(254)*Aqueles homens pintados gostam todos de carnaval.

O exemplo (252) se modela como (207):

(252) As roupas brancas ficaram todas sujas.

(207) As crianças ficaram todas molhadas.

isto é, apresenta ambigüidade². Pode ser derivada de:

(257) Todas as roupas brancas ficaram sujas.

através de POS-Q, que, com verbos de ligação pode

destacar o quantificador para fora de sua NP, colocando-o imediatamente em seguida ao verbo.

Mas (252) também pode ter outra origem, com o elemento todos fazendo parte da AP que acompanha o verbo de ligação. Neste caso, a significação de todos é a de 'inteiramente, completamente'. E sua posição, em (252), seria a posição original, isto é, antecedendo o adjetivo:

(252) As roupas brancas ficaram todas sujas.

Então, (252) não é resultado da aplicação de nenhuma regra de movimento, uma vez que se aproximaria da estrutura subjacente, com o quantificador gerado sob o nóculo AP.

A sentença (253) é gramatical, mas não seria derivada de (249):

(253) Os gatos malhados correram todos para o abrigo.

(249) Os gatos todos malhados correram para o abrigo.

A origem de (253) seria algo como:

(258) Todos os gatos malhados correram para o abrigo.

Como (258) tem o verbo intransitivo, o quantificador, parte do determinante da NP sujeito plural, seria passível de deslocamento para depois deste verbo, pela aplicação de POS-Q. E assim obteríamos (253).

Da análise de (251)-(254):

(251)*Os jardins floridos anunciavam todos a chegada da primavera.

- (252) As roupas brancas ficaram todas sujas.
- (253) Os gatos malhados correram todos para o abrigo.
- (254)*Aqueles homens pintados gostam todos de carnaval.

restou como conclusão, mais uma vez, que todos parte de AP não parece ser um elemento capaz de sofrer aplicação de qualquer regra de movimento. Somente as sentenças (243), (248)-(250), em que todos está antes do adjetivo a que se associa, são gramaticais, admitindo a leitura de 'inteiramente, completamente', para todos:

- (243) Os jardins todos floridos anunciavam a chegada da primavera.
- (248) As roupas todas brancas ficaram sujas.
- (249) Os gatos todos malhados correram para o abrigo.
- (250) Aqueles homens todos pintados gostam de carnaval.

Então, novamente fica provado que todos gerado sob AP não pode ser movido de posição, para a direita.

Para concluir que este item não muda de lugar nas sentenças em que aparece, vamos, antes, testar as possibilidades de movimento para a esquerda. Tomemos, por exemplo:

- (242) Gosto de casas todas brancas.
- (243) Os jardins todos floridos anunciavam a chegada da primavera.

(244) Com o trabalho, os homens ficaram todos sujos.

Admitindo o movimento para a esquerda, seriam derivadas:

(259)*Gosto de todas casas brancas.

(260) Todos os jardins floridos anunciavam a chegada da primavera.

(261) Com o trabalho, os homens todos ficaram sujos.

Veja-se que estas são algumas das possíveis sentenças que surgiriam, se fosse permitido o movimento para a esquerda. Acontece, no entanto, que nenhuma delas comprova a validade da hipótese. Em primeiro lugar, (259) não é gramatical:

(259)*Gosto de todas casas brancas.

E (260)-(261), embora gramaticais têm outro sentido, isto é, não são transformações de (243)-(244):

(243) Os jardins todos floridos anunciavam a chegada da primavera.

(260) Todos os jardins floridos anunciavam a chegada da primavera.

(244) Com o trabalho, os homens ficaram todos sujos.

(261) Com o trabalho, os homens todos ficaram sujos.

Em (260)-(261) temos a presença do quantificador parte de NP e não do todos gerado sob AP, cujas

possibilidades de movimento estamos verificando. Reconhecemos, então, que, na verdade, este todos não é passível de qualquer espécie de deslocamento.

Até o momento, sustentamos que a mobilidade do quantificador todos só se manifesta para a direita, obtendo confirmação de tal hipótese através da análise de dados relevantes; o fato de também não se admitir o movimento de todos, parte de AP, para a esquerda vem, portanto, corroborar a teoria estabelecida anteriormente, com base em dados que revelam particularidades da distribuição de todos associada a NP's.

4.2- 'Todos' Associado a Verbos

Foi através das sentenças (207)-(209) que pela primeira vez reconhecemos que o elemento todos poderia ser gerado sob AP, estando associado ao adjetivo que se lhe segue, significando 'inteiramente, completamente':

(207) As crianças ficaram todas molhadas.

(208) As roupas estão todas sujas.

(209) Aqueles balões são todos azuis.

Os outros exemplos discutidos até agora documentaram, todos, a ocorrência deste item acompanhando adjetivos.

Mas observem-se os seguintes casos:

(262) Todos os soldados se lavaram no rio.

(263) Todos os meninos se molhavam com a mangueira.

(264) João leu todos os livros ontem.

A série (262)-(264) atesta o aparecimento de todos, gerado na estrutura do determinante de NP's plurais e poderia servir para demonstrar as possibilidades de movimento do quantificador, assim como outros exemplos já comentados. Estas sentenças seriam semelhantes a estruturas profundas e dariam origem, por exemplo, a:

(265) Os soldados todos se lavaram no rio.

(266) Os meninos todos se molhavam com a mangueira.

(267) João leu os livros todos ontem.

Nos casos acima temos mais uma vez comprovada a gramaticalidade de sentenças em que o deslocamento do quantificador se dá para a direita, dentro do nóculo NP relevante. Até aí, nenhuma novidade. Mas vejamos:

(268) Os soldados se lavaram todos no rio.

(269) Os meninos se molhavam todos com a mangueira.

Através do exame de casos equivalentes a (268)-(269), ficou evidente que não é permitido destacar o todos, parte do determinante de NP's, para fora de tal nóculo, quando o verbo da sentença é transitivo. Somente modificando-se a entonação, com ênfase no quantificador, é que serão aceitas as frases em que se observa este movimento. Partindo-se, então, do pressuposto de que (268)-(269) são derivadas de (262)-(263), respectivamente, elas deveriam ser não-gramaticais.

Em (262)-(263), a reflexivização aplicada a NP's objeto é a responsável, aí, pela presença do reflexivo se:

(262) Todos os soldados se lavaram no rio.

(263) Todos os meninos se molhavam com a mangueira.

De qualquer modo, interessa dizer que os verbos de tais sentenças são transitivos e isto tornaria impossível a ocorrência de todos fora da NP a que se associa. Se, no entanto, se realizasse esta operação, teríamos como resultado o aparecimento de (268)-(269), conseqüentemente não-gramaticais. Ao contrário do que se esperava, porém, elas são gramaticais. Para explicar o fenômeno há pelo menos duas alternativas plausíveis.

A primeira delas seria admitir que a reflexivização de NP's objeto possibilita a deslocação do quantificador para depois do verbo transitivo. Até o momento ainda não haviam sido examinados exemplos com reflexivos. Esta é, portanto, uma hipótese aceitável. Torna-se necessário confirmá-la.

Antes de mais nada, entretanto, será interessante analisar (268)-(269) em outros detalhes. Para começar, pergunta-se: o elemento que aparece aí é realmente o todos parte do determinante das NP's sujeito? Ou melhor, (268)-(269) têm mesmo origem em (262)-(263)?

(262) Todos os soldados se lavaram no rio.

(263) Todos os meninos se molhavam com a mangueira.

(268) Os soldados se lavaram todos no rio.

(269) Os meninos se molhavam todos com a mangueira.

A resposta a estas perguntas constitui a segunda alternativa plausível para dar conta da gramati-

calidade de (268)-(269). Observando-se mais atentamente as duas sentenças, verifica-se que a idéia que o item todos, aí presente, traduz é a de 'inteiramente, completamente', isto é, em (268)-(269), não temos o quantificador gerado como parte de NP, cuja noção é a de 'totalidade, conjunto'.³

Vamos supor que esta segunda alternativa é mais adequada para esclarecer os fatos apontados. Se, em (268)-(269), todos significa 'inteiramente, completamente', estamos diante da ocorrência de todos não associado a NP's, pois, neste caso, ele tem o sentido de 'totalidade, conjunto'. Resta-nos, então, um problema: considerando os exemplos citados, convençionamos que o todos cuja significação é a de 'inteiramente, completamente' seria gerado sob AP (frase adjetiva), uma vez que ele sempre aparecia acompanhando adjetivos. Agora vemos casos em que todos traduz esta mesma noção, mas não se liga a um adjetivo; como consequência, poderá ele ser gerado sob AP?

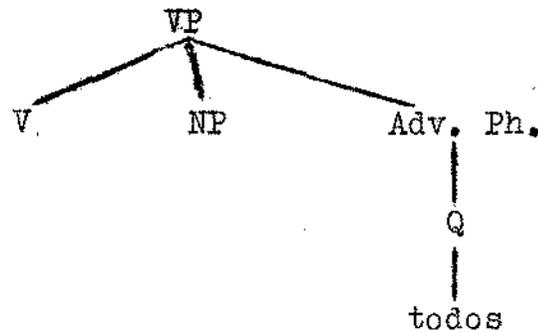
Um exame acurado das sentenças em estudo revela que, aí, todos está intensificando a noção expressa pelo verbo, tal qual um advérbio:

(268) Os soldados se lavaram todos no rio.

(269) Os meninos se molhavam todos com a mangueira.

Vamos então admitir que o nóculo Adv.Ph. (frase adverbial) serviria para encabeçar este elemento. Veja-se que tal nóculo deverá ser gerado depois da NP objeto, sob VP, uma vez que parece ser esta a única posição que todos ocupa, nestas condições. Assim, teríamos algo como:

(270)



Note-se que a sentença (267) comprova o mesmo:

(267) João leu os livros todos ontem.

Em primeiro lugar, ela é ambígua. Poderia ter origem em (264), através de POS-Q; e o todos que aí ocorre é parte da NP objeto:

(264) João leu todos os livros ontem.

Mas (267) pode ter outro significado, não se derivando, portanto, de (264); este outro significado resulta da interpretação diversa que se dará a todos. A sentença (267) teria mais ou menos o mesmo sentido de:

(267) João leu os livros todos ontem.

(271) João leu os livros inteiramente.

É nesta situação que reconhecemos a existência de um todos relacionado ao verbo da sentença, significando 'inteiramente, completamente'. Vamos supor que ele seja gerado sob Adv.Ph., em seguida à NP objeto, para dar conta de casos como os de (267)-(269). Vejã-se que é possível justificar que, em tais sentenças, o todos se relaciona ao verbo, tendo o sentido de 'inteiramente, completamente', utilizando-se um recurso de que já se lançou mão anteriormente. Assim, comparem-se as séries abaixo:

(267) João leu os livros todos ontem.

(268) Os soldados se lavaram todos no rio.

(269) Os meninos se molhavam todos com a mangueira.

(272) Alguns livros, João leu todos ontem.⁴

(273) Alguns soldados se lavaram todos no rio.

(274) Muitos meninos se molhavam todos com a mangueira.

A gramaticalidade de (272)-(273) atesta que, em (267)-(269), a que se relacionam, o item todos não se associa à NP, em uma de suas leituras. Se isto fosse verdade, isto é, se, em (267)-(269), todos estivesse sempre relacionado a uma NP - objeto, em (267) e sujeito, em (268)-(269) -, (272)-(274) deveriam ser não-gramaticais, pois, então, teríamos dois quantificadores associados à mesma NP; e já foi provado que isto não é permitido em português, se quisermos ter apenas sentenças boas:

(275)*João leu vários todos os livros ontem.

(276)*Muitos todos os soldados se lavaram no rio.

(277)*Todos os meninos alguns se molhavam com a mangueira.

A série dada acima demonstra, mais uma vez, que não é possível gerar dois quantificadores ligados ao mesmo nóculo NP, em português. Neste caso, teremos de admitir que, em (272)-(274), um dos dois quantificadores está associado a uma NP e o outro, o todos, relacionado ao verbo. Em (272), o quantificador alguns é gerado sob o nóculo NP objeto:

(272) Alguns livros, João leu todos ontem.

Em (273)-(274), alguns e muitos, respectivamente, associam-se à NP sujeito:

(273) Alguns soldados se lavaram todos no rio.

(274) Muitos meninos se molhavam todos com a mangueira.

E o quantificador todos que aí aparece fica relacionado aos verbos das sentenças. Testaremos, agora, as suas possibilidades de deslocamento. Considerem-se:

(267) João leu os livros todos ontem.

(268) Os soldados se lavaram todos no rio.

(269) Os meninos se molhavam todos com a mangueira.

Estamos supondo que o quantificador, em (267)-(269), está em sua posição original, isto é, na posição em que ele apareceria na estrutura profunda. Assim, admitindo-se que todos, relacionado ao verbo, possa movimentar-se para a direita, de (267)-(269) surgiriam, por exemplo:

(278)*João leu os livros ontem todos.

(279)*Os soldados se lavaram no rio todos.

(280)*Os meninos se molhavam com a mangueira todos.

Nenhuma das sentenças é gramatical. Com uma pausa, enfatizando-se o quantificador, elas se tornam boas; no entanto, deixa de haver relação entre

as duas séries - (267)-(269) e (278)-(280). Com a pausa, teremos o quantificador associado a NP's:

(281) João leu os livros ontem, todos.

(282) Os soldados se lavaram no rio, todos.

(283) Os meninos se molhavam com a mangueira ,
todos.

Assim como (278)-(280), muitos outros exemplos poderiam ser citados. Parece, portanto, que o todos relacionado ao verbo, que estamos admitindo ser gerado sob Adv.Ph., também não pode mover-se para a direita, do mesmo modo que o todos associado a adjetivos, gerado sob AP, cuja significação é idêntica: 'inteiramente, completamente'. Resta verificar se para a esquerda a situação é diferente. Então, de (267)-(269), poderiam ter origem (284)-(286):

(267) João leu os livros todos ontem.

(268) Os soldados se lavaram todos no rio.

(269) Os meninos se molhavam todos com a mangueira.

(284) João leu todos os livros ontem.

(285) Os soldados todos se lavaram no rio.

(286) Os meninos todos se molhavam com a mangueira.

As três sentenças - (284)-(286) - são gramaticais; nenhuma delas, no entanto, se relaciona com (267)-(269); o todos que aparece em (284)-(286) está associado a NP's e não aos verbos. E note-se ainda que estas são apenas algumas das sentenças

que poderiam surgir, supostamente, de (267)-(269), com o movimento de todos para a esquerda. Na verdade, nenhuma delas será derivada através de tal operação. Sua origem será diferente:

(264) João leu todos os livros ontem.

(262) Todos os soldados se lavaram no rio.

(263) Todos os meninos se molhavam com a mangueira.⁵

Conforme se pode verificar, estamos diante do todos parte de NP. Então, mais uma vez se comprova que todos, gerado sob Adv.Ph., não é passível de qualquer espécie de movimento.

Levando-se em conta a similaridade na distribuição de todos relacionado ao verbo e de todos associado a adjetivos, e ainda considerando-se que ambos têm o mesmo significado, poderíamos pensar na possibilidade de que são um só elemento, sendo gerados sob um nóculo único. Resta decidir que nóculo será este: AP ou Adv.Ph? A questão será resolvida através do exame de novos dados, atentando-se também para certos critérios, tais como, por exemplo: que descrição será mais econômica, dará conta de maior número de fatos, etc.

4.3- 'Todos', no Singular

As estruturas a que nos referimos até agora apresentaram, todas, o quantificador no plural. Será interessante explorar sentenças em que o mesmo elemento aparece no singular.

Veja-se, por exemplo:

(287) Maria viu toda a casa.

(288) Todo o lenço ficou sujo.

(289) Todo o leite se estragou.

Para começar, torna-se necessário definir o elemento ora em estudo. Nas três sentenças, ocorre acompanhando um nome, como parte do determinante de uma NP, agora no singular; sua significação é semelhante à de todos parte de AP: 'inteiro'. Evidentemente, nenhuma frase com o item no singular será ambígua com relação ao sentido de todo, uma vez que, nestas circunstâncias, ficará sempre excluída a possibilidade de que todo traduza a noção de 'totalidade, conjunto'. Quanto ao movimento, observe-se:

(290) Maria viu a casa toda.

(291) O lenço todo ficou sujo.

(292) O leite todo se estragou.

São gramaticais, as sentenças em que todo desloca-se para a direita, permanecendo ainda como parte da NP a que se associa. Note-se, então, que, no singular, é permitido mudar o elemento de posição, ao contrário do que acontece com o todos relacionado a adjetivos e a verbos.

Atente-se, em seguida, para:

(293) O lenço ficou todo sujo.

(294) O leite se e stragou todo.

Os exemplos (293)-(294) seriam outras possíveis transformações de (288)-(289), com o destacamento de todo da NP a que se liga:

(288) Todo o lenço ficou sujo.

(289) Todo o leite se estragou.

No entanto, examinando (293)-(294) em detalhes, percebe-se que, em (293), todo está relacionado ao adjetivo que se lhe segue e, em (294), ele se relaciona ao verbo. Neste caso, (293)-(294) não se derivariam de (288)-(289) e teríamos comprovado o fato de que o movimento de todo é limitado: só pode deslocar-se para a direita, dentro da NP a que pertence. Além desta conclusão, os dados acima também demonstram que o todos relacionado a adjetivos e o todos associado a verbos têm singular, comportando-se como no plural. Assim:

(295)*O lenço ficou sujo todo.

(296)*O leite se estragou com o calor todo.

As sentenças (295)-(296), não-gramaticais, demonstram que não se pode mover todo, quando este se relaciona a um adjetivo ou a um verbo, exatamente como ocorre com o plural; e a significação é a mesma nos três casos. Podemos, portanto, admitir que estamos diante de um elemento só, ora no singular, ora no plural. Resta, ainda, decidir qual será o nóculo dominante, sob o qual aparecerá o item em questão.

Torna-se também necessário analisar um pouco mais o todo que documentamos nas sentenças (287) - (289):

(287) Maria viu toda a casa.

(288) Todo o lenço ficou sujo.

(289) Todo o leite se estragou.

Aí, ele parece fazer parte de uma NP: objeto, em (287) e sujeito, em (288)-(289). Tem o sentido de 'inteiro'. E pode mover-se para a direita, dentro da NP a que pertence. Vamos supor que o nóculo

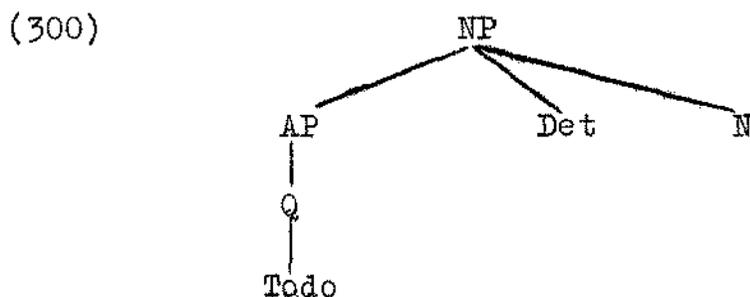
AP domine este todo. Para apoiar esta hipótese, temos o fato de que ele acompanha um nome, modificando-o, assim como faz um adjetivo. E também admite o diminutivo, como:

(297) Maria viu a casa todinha.

(298) O lenço todinho ficou sujo.

(299) O leite todinho se estragou.

Estas são características próprias de adjetivos, o que vem corroborar a teoria de que todo, no singular, acompanhando um nome, seja gerado sob o nó - dulo AP. ~~Em uma vez que~~ admitimos o movimento para a direita, este nó dulo AP aparecerá, na estrutura subjacente, antes do artigo, como nas sentenças (287)-(289). Assim:⁶



Considerando-se, no entanto, outros fatos, poderíamos supor que a posição original em que ocorrerá o elemento será depois do nome, como em (290)-(292):

(290) Maria viu a casa toda.

(291) O lenço todo ficou sujo.

(292) O leite todo se estragou.

Como justificativa para esta hipótese, veja-se, por exemplo, que o diminutivo só é possível quando todo está no final da NP. Não são gramaticais:

(301)*Maria viu todinha a casa.

(302)*Todinho o lenço ficou sujo.

(303)*Todinho o leite se estragou.

Além disso, sentenças como (287)-(289) não são tão naturais quanto (290)-(292), em que todo aparece numa posição normalmente ocupada por adjetivos:

(287) Maria viu toda a casa.

(288) Todo o lenço ficou sujo.

(289) Todo o leite se estragou.

(290) Maria viu a casa toda.

(291) O lenço todo ficou sujo.

(292) O leite todo se estragou.

Veja-se, por exemplo, para mostrar como, em (290)-(292), o quantificador ocupa uma posição própria de adjetivos, a seguinte série:

(304) Maria viu a casa grande.

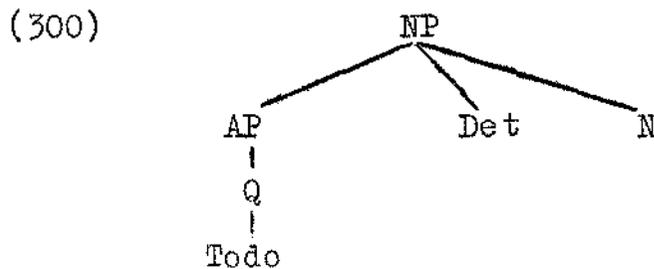
(305) O lenço branco ficou sujo.

(306) O leite morno se estragou.

Mas se adotarmos a segunda hipótese - gerar o nóculo AP depois do nome -, teríamos de postular uma regra de movimento de todo para a esquerda, explicando deste modo a gramaticalidade de sentenças como (287)-(289); e isto não será econômico, pois até aqui ainda não surgira nenhuma motivação para uma regra como esta.

Gerar todo sob o nóculo AP, fazendo parte de

uma NP, em posição inicial, é, portanto, mais coe -
rente com outros fatos já discutidos. Além disto ,
note-se que existem argumentos para separar todo de
adjetivos como os que ocorrem em (304)-(306), o que
poderia servir para reforçar a teoria de que a de-
rivação de tal elemento, na estrutura profunda, se-
rá como em (300):



Um primeiro argumento, que comprova a diferença
entre todo e outros adjetivos, pode ser levantado a
partir da análise de:

(307) Maria viu a casa que é grande.

(308)*Maria viu a casa que é toda.

(309) O lenço que é branco ficou sujo.

(310)*O lenço que é todo ficou sujo.

(311) O leite que estava morno se estragou.

(312)*O leite que estava todo se estragou.

As três séries de sentenças acima demonstram
que todo comporta-se de modo diferente de outros
adjetivos: não se admite a formação de uma relati-
va com o todo como núcleo, ao contrário do que se
verifica com grande, branco, morno, etc.
Além disto, compare-se:

(289) Maria viu . toda a casa.

(313)*Maria viu grande a casa.

(288) Todo o lenço ficou sujo.

(314)*Branco o lenço ficou sujo.

(289) Todo o leite se estragou.

(315)*Morno o leite se estragou.

Como se observa, não são gramaticais as estruturas em que os adjetivos do tipo de grande, branco, morno, etc., ocorrem em posição inicial na NP a que se associam. Fatos como estes podem levar a que se considere todo um tipo especial de adjetivo, gerado sob AP, em posição inicial na NP a que pertence; assim se exclui a necessidade de postularmos uma regra de movimento de todo para a esquerda.

Recapitulando tudo o que foi investigado até o momento, chegamos à seguinte caracterização:

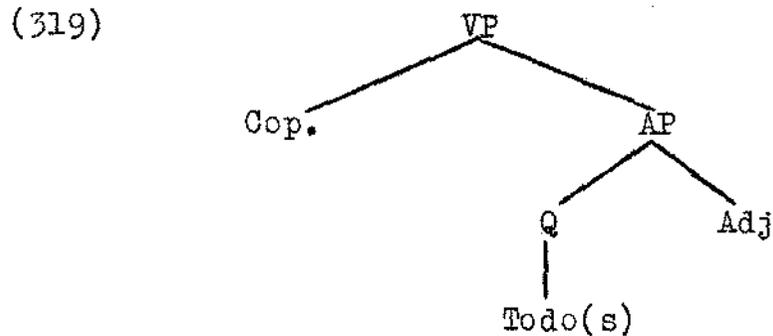
(316) Há um item todos que acompanha adjetivos, no plural, tendo o sentido de 'inteiramente, completamente'. Não pode mover-se nem para a direita, nem para a esquerda. Pode assumir a forma singular.

(317) Existe um todos, também plural, que acompanha verbos e traduz a noção de 'inteiramente, completamente'. Não é passível de qualquer espécie de movimento. Admite também a forma singular.

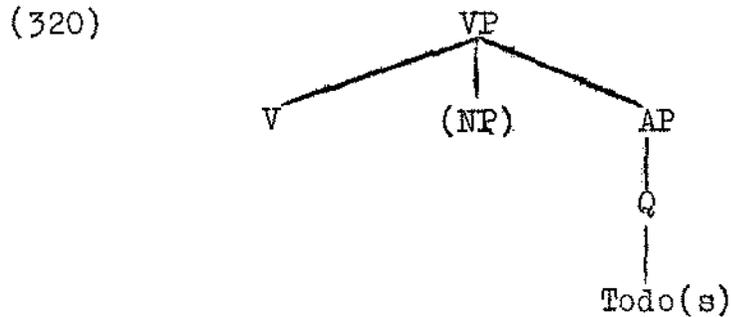
(318) Há um todo, sempre no singular, que faz parte de NP's e significa 'inteiro'. Pode mover-se para a direita, apenas dentro da NP a que pertence.

Há algo em comum entre (316)-(318); poderíamos

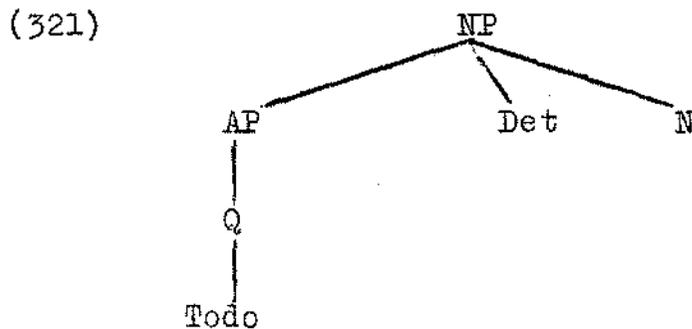
tentar gerá-los sob um nóculo único: AP. Em (316) teríamos algo como:⁷



Para (317) a caracterização seria mais ou menos a seguinte:⁸



Já (318) poderia ser semelhante a⁹:



Veja-se que, em (319) e (320), AP aparece dominada por VP, enquanto, em (321), AP faz parte de NP; isto poderia servir para justificar a diferença de comportamento entre (316) e (317), de um lado e (318), do outro, quanto às possibilidades de movimento do item todo(s), gerado sob AP.

4.4- Outros Casos de Posição de 'Todo(s)'

No capítulo 2 deste trabalho, foi discutida a ordem de aplicação de PASSIVA em relação a POS-Q, tendo-se chegado à conclusão de que, para dar conta de sentenças gramaticais, e apenas estas, PASSIVA deverá preceder POS-Q. Esta discussão levanta um problema interessante, que será agora retomado. Assim, observe-se, por exemplo:

(322) João pintou toda a casa.

Se admitimos que, também com todo, as regras se aplicariam na mesma ordem dada, de (322), através de PASSIVA, se derivaria:

(323) Toda a casa foi pintada por João.

Em seguida, movendo-se todo para a direita, obteríamos:

(324) A casa toda foi pintada por João.

Segundo as conclusões a que chegamos a respeito do movimento de todo para a direita, (324) seria a única sentença derivada de (322), indiretamente através de PASSIVA:

(322) João pintou toda a casa.

(323) Toda a casa foi pintada por João.

(324) A casa toda foi pintada por João.

Lembre-se que verificamos ser possível o deslocamento de todo para a direita, somente dentro do âmbito da NP a que pertence, como acontece em (324). No entanto, note-se que existe também a sentença:

(325) A casa foi toda pintada por João.

Em (325), aparece um todo à direita da NP sujeito; uma vez, no entanto, que reconhecemos não ser permitido um movimento deste tipo, teremos de admitir que (325) não é derivada de (322); além disso, a interpretação do significado de (325) mostra a diferença entre as duas sentenças em questão:

(322) João pintou toda a casa.

(325) A casa foi toda pintada por João.

Em (325), todo associa-se ao adjetivo; como consequência, aí está mais uma prova de que realmente apenas (324) se derivaria de (322), através de PAS - SIVA e de movimento de todo para a direita:

(322) João pintou toda a casa.

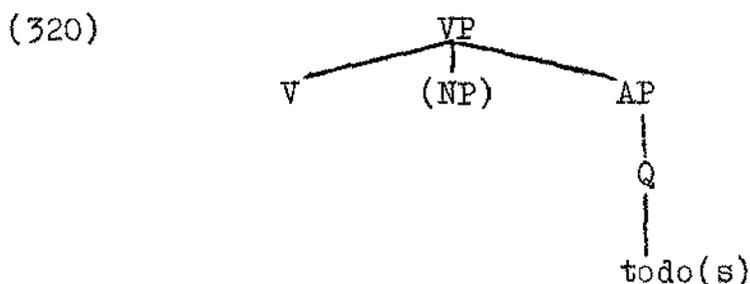
(324) A casa toda foi pintada por João.

Neste caso, porém, outra sentença será a origem de (325). Vamos supor que a estrutura subjacente a (325) seja semelhante a (326):

(325) A casa foi toda pintada por João.

(326) João pintou a casa toda.

Então, temos o todo gerado sob AP, associado ao verbo, como em (320):



Aplicando-se PASSIVA a (326), o resultado será:

(327)*A casa foi pintada toda por João.

Em primeiro lugar, uma sentença como (327) só será gramatical se se modifica a entonação, enfatizando-se o todo, colocando-o entre pausas, por exemplo. Mas mesmo se admitíssemos a gramaticalidade de (327), fica o problema de explicar (325); para derivar (325) de (327), teríamos de mover o todo para a esquerda, o que ainda não havia sido necessário até o momento:

(327)*A casa foi pintada toda por João.

(325) A casa foi toda pintada por João.

A explicação para (325) e equivalentes poderia estar em se admitir interpretação semântica não apenas ao nível de estrutura profunda, mas também em estrutura superficial. Desta forma, problemas como os de foco, pressuposição, ênfase, etc, seriam resolvidos ao nível de estrutura superficial.¹⁰ E casos como os de (325) envolvem ênfase, foco, etc:

(325) A casa foi toda pintada por João.

Podem ser citados muitos outros exemplos em que fica em questão o escopo do quantificador. Anote-se, por exemplo:

(328) Toda a casa está suja.

(329) A casa toda está suja.

(330) A casa está toda suja.

Já foram exploradas sentenças equivalentes a (328)-(330). De acordo com as conclusões a que che-

gamos, (330) não teria origem em (328), uma vez que, em (330), todo parece associar-se ao adjetivo e não a NP sujeito, como acontece em (328) e (329); na verdade, o que parece estar envolvido é uma questão de foco: em (328)-(329) enfatiza-se, como o todo, o fato de a casa inteira estar suja; já em (330), o todo reforça a noção expressa pelo adjetivo 'suja'. Assim sendo, apresenta-se, como um fator relevante para a interpretação semântica das sentenças, a posição de um elemento na estrutura superficial.

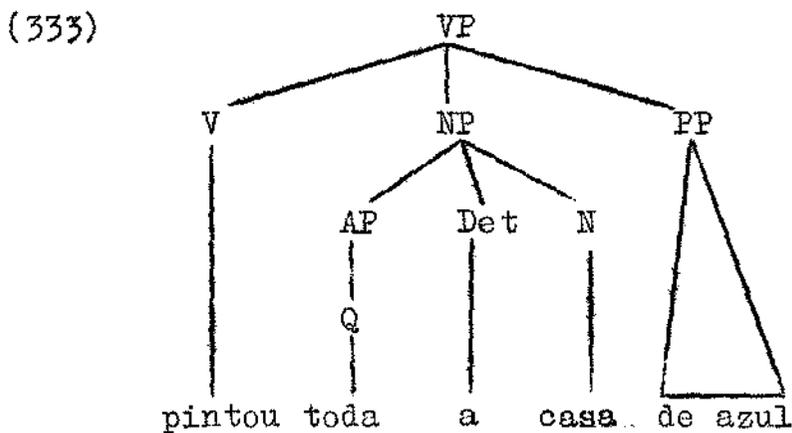
Há ainda outros fatos interessantes, envolvendo todo(s), ligados a estruturas mais complexas, entre outros fatores.

Assim, a título de ilustração, atente-se para:

(331) Homero pintou toda a casa de azul.

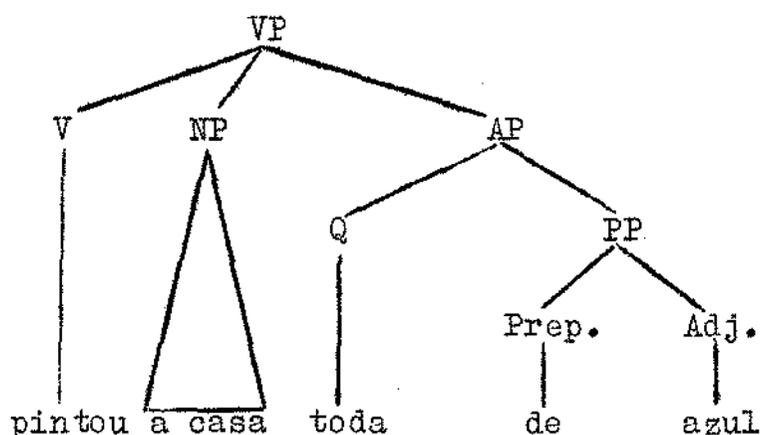
(332) Homero ~~pintou~~ a casa toda de azul.

Note-se que, em (332), todo pode associar-se à NP 'a casa', sendo, portanto, derivada de (331), através do movimento de todo para a direita. Assim:¹¹



Mas, em (332), todo pode também relacionar-se à PP 'de azul'. Então:¹²

(334)



Dependendo disto, iremos interpretar ou explicar sentenças como:

(335) A casa foi pintada toda de azul.

(336) A casa foi toda pintada de azul.

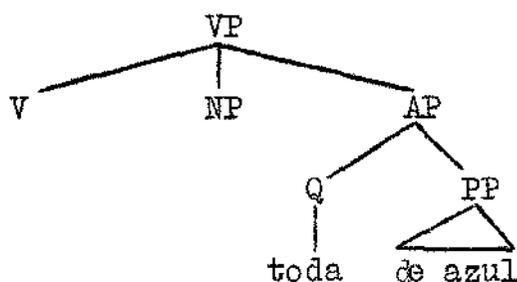
Parece que, quando todo se associa à PP 'de azul', não se pode separá-los ou mesmo deslocá-los de posição. Veja-se que não temos:

(337)*Homero pintou de azul a casa toda.

(338)*A casa foi toda de azul pintada.

A sentença (337), para ser gramatical, não deverá ser interpretada como se pretende acima, isto é, com o item todo ligado à PP 'de azul'. Isto prova que não será possível separar os elementos de 'toda de azul', quando 'toda' e 'de azul' estiverem relacionados como em (334):

(334)



Já (338) só será aceita, colocando-se os elementos em questão entre pausas e mesmo assim não será

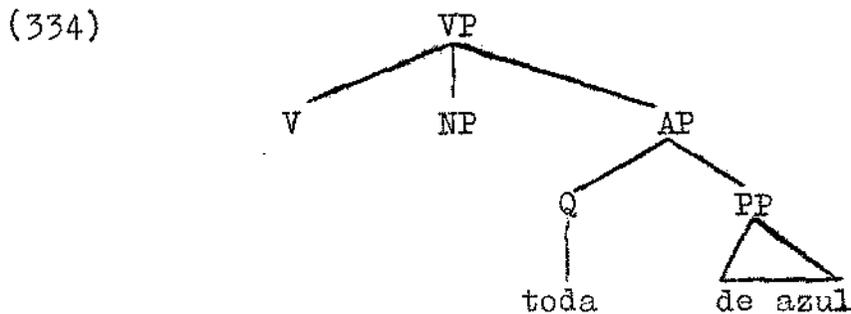
natural; este fato vem demonstrar que parece mesmo não ser permitido nem mesmo deslocar de posição 'toda de azul', quando estiverem sob um nóculo único.

Se vamos aceitar como válida tal hipótese -não se pode separar ou mover 'toda de azul', quando seus elementos estão sob o mesmo nóculo AP-, então (335) só será **vista** como derivada de algo semelhante a:

(335) A casa foi pintada toda de azul.

(332a.) Homero pintou a casa toda de azul.

isto é, (335) seria a PASSIVA de uma estrutura em que 'toda de azul' é gerada sob um nóculo só, como em (334):

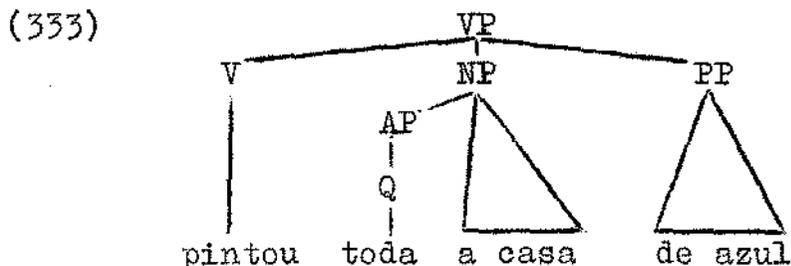


E, como consequência também, (336) se relacionará a (332 b.):

(336) A casa foi toda pintada de azul.

(332 b.) Homero pintou toda a casa de azul.

isto é, a uma estrutura como:



Mas veja-se que (336) apresenta um problema já apontado antes. Aplicando-se PASSIVA a (333), poderíamos obter:

(339) Toda a casa foi pintada de azul.

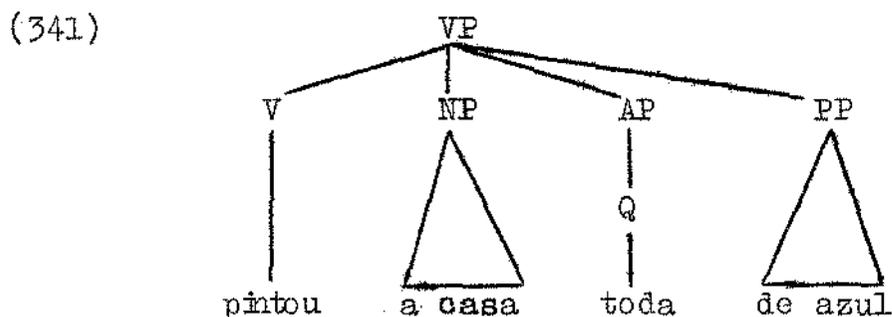
A partir de (339), movendo-se o todo para a direita, teria origem:

(340) A casa toda foi pintada de azul.

Mas de (339) não poderíamos derivar (336), pois, neste caso, o todo está fora da NP a que pertence, o que verificamos não ser permitido:

(336) A casa foi toda pintada de azul.

Além disso, em (336), todo parece relacionar-se ao adjetivo e não à NP sujeito. Então, a estrutura subjacente para (336) deverá ser outra, diferente de (333). Se admitirmos algo como:



encontraremos dificuldades em explicar a posição de todo em (336), pois, neste caso, ele terá sido movido para a esquerda. Como já dissemos antes, fatos deste tipo, observados em sentenças como (336) e equivalentes, poderiam talvez ser explicados pela teoria que aceita interpretação semântica ao nível de estrutura superficial, quando estão envolvidas questões como foco, ênfase, etc.

De qualquer modo, não pretendemos encontrar so-

luções definitivas para problemas como este. Nosso objetivo foi apenas apontar alguns casos interessantes da ocorrência do elemento todo(s), em sentenças da língua.

4.5- O 'Todo' Indefinido

Nas seções anteriores, comprovamos a existência de todos, determinante de NP's e também de todo(s) relacionado a adjetivos ou verbos. Mas veja-se que temos sentenças como:

(342) Toda criança precisa de pais.

(343) Todo homem gosta de algum esporte.

Nos dois exemplos acima, verifica-se a ocorrência de um todo ainda não identificado anteriormente: faz parte de uma NP, tem uma significação aproximada de 'qualquer' e não aparece com o artigo. A noção que este todo traduz é genérica, indefinida, e, na verdade, ele se comporta como o artigo. Veja-se:

(344)* Criança toda precisa de pais.

(345)*Homem todo gosta de algum esporte.

Como se documenta, o todo com sentido de 'qualquer' não pode mover-se para a direita, nem mesmo dentro da NP de que faz parte, exatamente como o artigo. Pode-se mesmo afirmar que a este todo não se aplica nenhuma regra de movimento. Assim, também não são gramaticais:

(346)* Criança precisa toda de pais.

(347)*Criança precisa de pais toda.

(348)*Homem gosta todo de algum esporte.

(349)*Homem gosta de algum esporte todo.

É do mesmo modo que as séries de sentenças acima, muitos outros exemplos podem ser citados, para confirmar a teoria de que todo de sentido genérico não é passível de qualquer espécie de movimento. Assim temos, então, mais um todo, que desta vez será gerado sob o nóculo Det, ocupando a mesma posição do artigo, com o qual não pode ~~coocorrer~~. Veja-se:

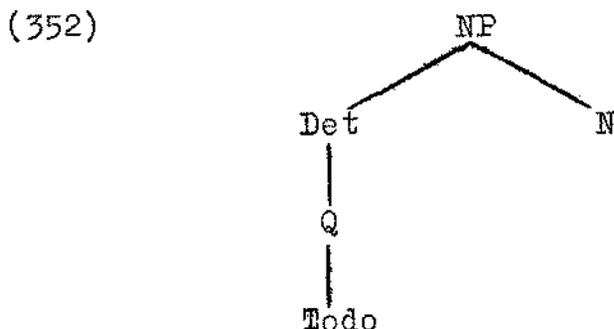
(342) Toda criança precisa de pais.

(350)*Toda a criança precisa de pais.

(343) Todo homem gosta de algum esporte.

(351)*Todo o homem gosta de algum esporte.

Note-se que as sentenças (350)-(351) não são gramaticais; mesmo que fossem, no entanto, o todo que nelas aparece não é o mesmo que está em (342)-(343). Assim sendo, para este elemento teríamos na estrutura subjacente algo como:



É interessante observar que, quando este todo aparece em NP's objeto, a sentença só será gramatical se um elemento qualquer acompanhar tais NP's indefinidas, passando a determiná-las. Atente-se pa-

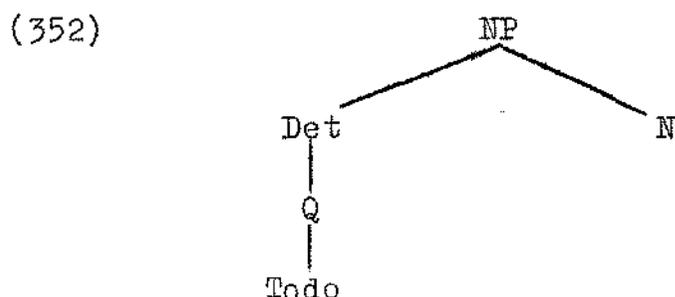
ra:

(353)*João viu toda casa.

(354) João viu toda casa que encontrou à venda.

A frase (353) não é gramatical e nela se verifica a ocorrência de todo indefinido na NP objeto; já (354), que apresenta uma relativa acompanhando a NP objeto, cujo Det é este todo, é gramatical.

Como (353)-(354) se modelam muitas outras sentenças; parece, portanto, que podemos realmente aceitar a hipótese de que existe um todo, com a significação de 'qualquer', gerado sob o nódulo Det e ao qual não se deverá aplicar nenhuma regra de movimento, uma vez que sua posição é fixa, antecedendo o nome que determina. Assim:



Outro fato interessante a ser apontado com relação a este item é que ele não admite plural, somente existindo na forma singular. Observe-se:

(355)*Todas crianças precisam de pais.

(356)*Todos homens gostam de algum esporte.

As sentenças acima não são gramaticais e seriam consideradas o plural correspondente a (342)-(343), respectivamente:

(342) Toda criança precisa de pais.

(343) Todo homem gosta de algum esporte.

Comprova-se, então, o que se disse anteriormente: todo indefinido não tem plural. Note-se, ainda, que já se pode afirmar uma semelhança semântica bastante grande entre as sentenças com o todo indefinido e aquelas que apresentam a ocorrência do quantificador todos, parte do determinante de NP's plurais, significando 'totalidade, conjunto'. Compare-se:

(342) Toda criança precisa de pais.

(357) Todas as crianças precisam de pais.

(343) Todo homem gosta de algum esporte.

(358) Todos os homens gostam de algum esporte.

Se, por um lado, será justificável mostrar a semelhança semântica entre os dois elementos, por outro lado não se deve deixar de apontar as várias diferenças que manifestam quanto ao comportamento sintático. Assim, por exemplo, enquanto o todos determinante de NP's plurais vem sempre acompanhado de artigo (ou outro elemento que ocupe a mesma posição) e pode deslocar-se para a direita, através de POS-Q, o todo indefinido nunca aparece com o artigo, está sempre no singular e não pode mover-se na sentença. Então:

(359) Todos os meus vizinhos viajaram.

(360)*Todos meus vizinhos viajaram.

(361) Os meus vizinhos todos viajaram.

(362) Os meus vizinhos viajaram todos.

(363) Todo animal dorme.

(364)*Todo o animal dorme.

(365)*Animal todo dorme.

(366)*Animal dorme todo.

Os exemplos (359)-(360) mostram que todos determinante de NP's plurais deve vir acompanhado de artigo; já com o todo indefinido a situação é inversa: a presença do artigo torna a sentença não-gramatical, como se pode comprovar em (363)-(364). Os casos (361)-(362) demonstram a mobilidade do elemento todos, enquanto (365)-(366) atestam que todo com a significação de 'qualquer' deve permanecer em posição fixa, não se deslocando para a direita. Af estão, portanto, alguns argumentos que documentam o fato de que, apesar da semelhança semântica apontada em sentenças com todos e todo, ambos provavelmente serão gerados diferentemente, sob nódulos distintos.

Depois de analisar os fatos acima, pensamos ter determinado os principais tópicos referentes à distribuição de todo(s) em português. Como já declaramos antes, não foi nosso objetivo explicar todos os casos de movimento de todo(s), mas tão somente os que envolviam o quantificador no plural, parte do determinante de NP's, cuja noção é a de 'totalidade, conjunto'. Neste capítulo pretendemos apenas chamar a atenção para outros fatos interessantes relacionados ao item todo(s), não mais gerado como parte de NP's plurais e com novas acepções. Desta forma, acreditamos ter examinado uma série de dados relevantes, que poderão servir como ponto de partida para pesquisas futuras.

A análise mais acurada dos problemas aqui levantados, bem como a utilização de fatos adicionais da

língua, envolvendo o elemento em estudo, poderá levar a conclusões bastante diferentes daquelas que sugerimos neste trabalho.

NOTAS

¹Cf. p. 82-90, deste trabalho.

²Deve-se apontar aqui o fato de que, para alguns falantes, a sentença (252):

(252) As roupas brancas ficaram todas sujas.

não é ambígua, uma vez que tais falantes não consideram que, neste exemplo, todos se relacione à NP sujeito plural. Somente com juma pausa, dando-se ênfase ao quantificador, ele terá a noção de 'totalidade conjunto':

(252') As roupas brancas ficaram, todas, sujas.

³Alguns falantes consideram ambíguas as frases (268)-(269):

(268) Os soldados se lavaram todos no rio.

(269) Os meninos se molhavam todos com a man -
gueira.

Para eles, todos tanto pode significar 'totalidade, conjunto', quanto 'inteiramente, completamente', em tais sentenças. Para explicar a gramaticalidade dos exemplos com o quantificador associado às NP's sujeito, adota-se a teoria de que a entonação deve variar, através de um recurso qualquer, tal como a pausa, por exemplo, depois do verbo. Isto elimina a necessidade de encontrar uma outra justificativa para os que aceitam (268)-(269) com o todos significando 'totalidade, conjunto'.

⁴Há falantes que consideram (272) uma sentença incomum e não a usariam, embora consigam entendê-la :

(272)? Alguns livros, João leu todos ontem.

O mesmo acontece com:

(272')? João leu alguns livros todos ontem.

De qualquer modo, no entanto, aceitam a sentença (267) como ambígua e é isto que nos interessa, pois então teremos comprovado a existência de um todos acompanhando o verbo:

(267) João leu os livros todos ontem.

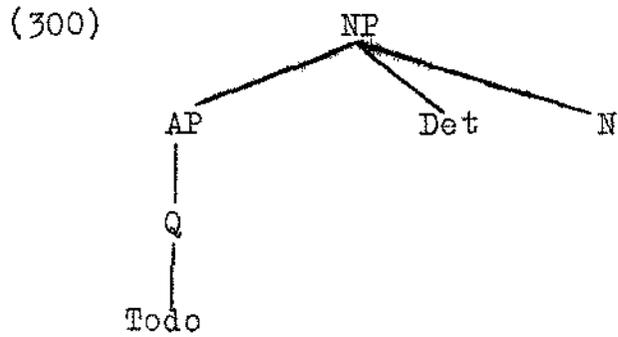
⁵Com relação a estas estruturas, o que nos interessa é essencialmente a constituição da NP sujeito plural: em seu determinante, aparece o quantificador todos:

(262) Todos os soldados se lavaram no rio.

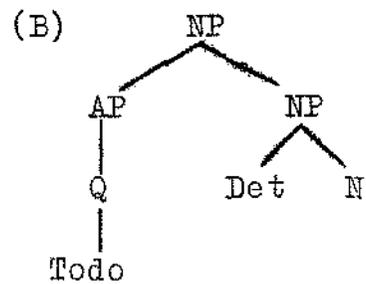
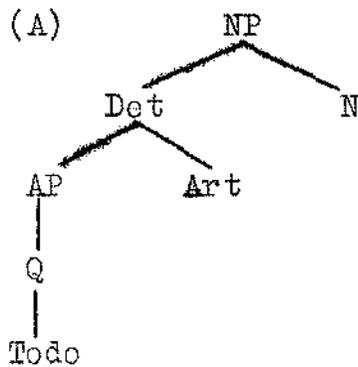
(263) Todos os meninos se molhavam com a mangueira.

Estamos deixando de lado fatos como, por exemplo, a reflexivização da NP objeto em (262)-(263), não-relevantes no momento. Sabemos, assim, que a série dada não representa exatamente nenhuma estrutura profunda. Para a discussão presente, é significativa apenas a posição do quantificador na NP sujeito plural.

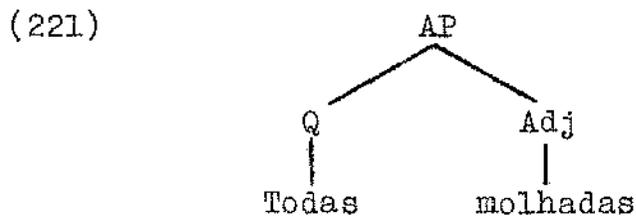
⁶O mesmo poderíamos dizer, se a estrutura fosse, além de (300) , algo como:



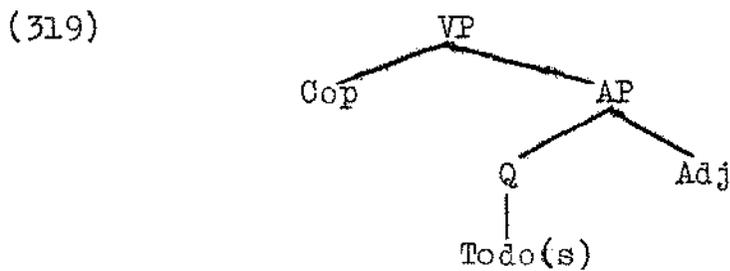
ou:



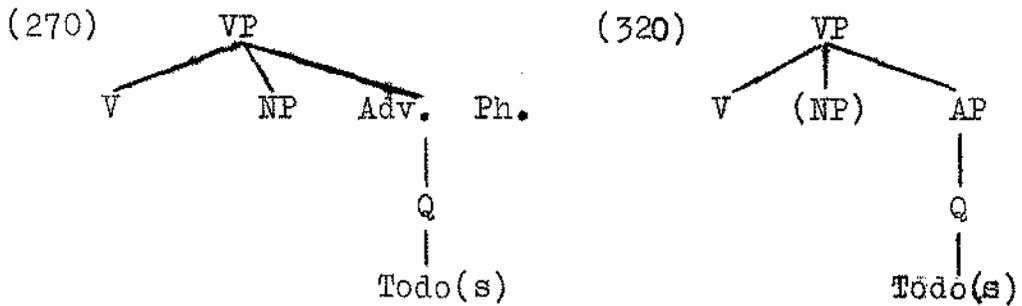
⁷Note-se que esta caracterização já havia sido feita em (221):



Em (319) apenas se acrescentaram alguns elementos para tornar mais completa a descrição:



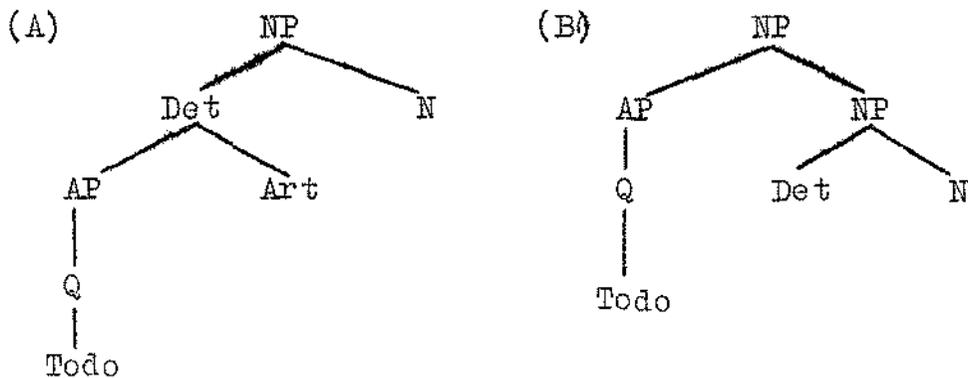
⁸Do mesmo modo, (320) é a reformulação de (270):



Com (320) estamos eliminando a necessidade de se postular um outro nóculo - Adv.Ph. - que domine o quantificador. Além disso, colocamos a NP objeto como opcional, para cobrir casos como os de:

a- Com a chegada da primavera, as flores abri-
ram todas.

⁹Outras caracterizações para (321) poderiam ser:



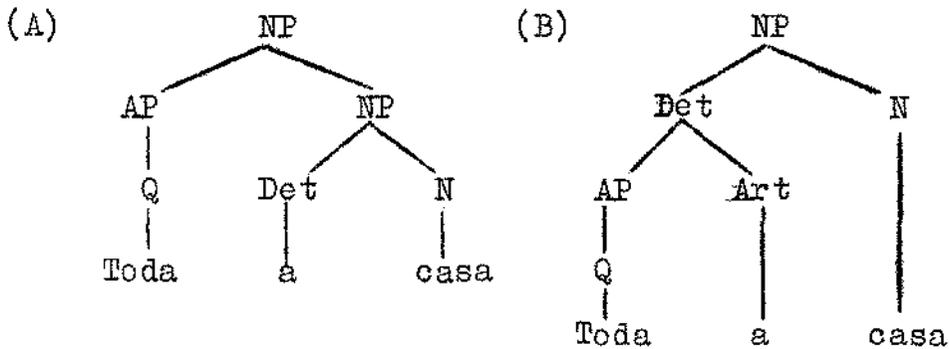
¹⁰Para maiores detalhes a respeito, veja-se:

Chomsky, Noam (1971) "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation". in: Steinberg, D.D. and Jakobovits, L.A., eds. Semantics; an interdisciplinary reader in Philosophy, Linguistics and Psychology. Cambridge University Press, Cambridge, Mass. P. 183-236

¹¹Veja-se que a estrutura subjacente para a NP objeto de (331):

(331) Homero pintou toda a casa de azul.

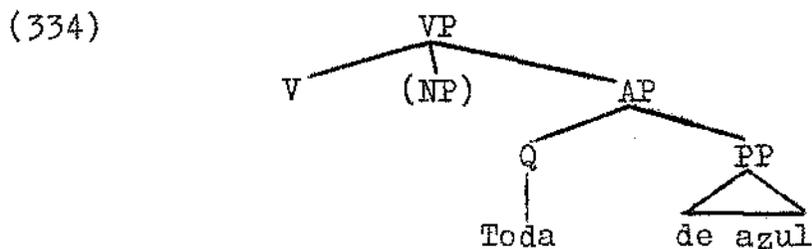
também poderia ser:



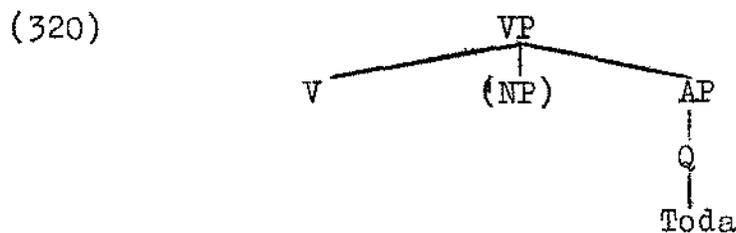
¹²Note-se que a estrutura subjacente para a VP de (332):

(332) Homero pintou a casa toda de azul.

que poderia ser como (334):



é, em última análise, aquela que determinamos em (320):



pois, aí, o quantificador é gerado sob o nóculo AP, indiretamente dominado por VP.

CONCLUSÃO

Partindo da análise da distribuição de tous (fem. toutes), em francês, feita por Richard Kayne, em uma das seções de sua dissertação - The Transformational Cycle in French Syntax -, foi objeto de estudo deste trabalho o elemento todos, quantificador correspondente em português.

Em primeiro lugar, consideramos relevante expor a proposta de Kayne em seus detalhes mais significativos, uma vez que tal proposta seria posteriormente retomada numa tentativa de explicar a ocorrência de todos em estruturas superficiais portuguesas. Assim sendo, no capítulo 1 deste trabalho, foi feita a apresentação dos argumentos postulados por Kayne para confirmar sua teoria. Observando uma série de fatos da sintaxe francesa, envolvendo tous, com o objetivo de explicar sua distribuição, ele estabelece uma hipótese que pode ser resumida em dois itens básicos:

1º- Tous será gerado como parte da estrutura do determinante de NP's plurais;

2º- Sua relativa liberdade de ocorrência em sentenças da língua será explicada pela aplicação opcional de duas regras transformacionais de movimento:

A- R-TOUS ("rightward 'tous'-movement"), que daria conta dos casos em que o quantificador se move para a direita das NP's sujeito a que pertence;

B- L-TOUS ("leftward 'tous'-movement"), que seria responsável pela geração de sentenças

gramaticais francesas em que tous se move para a esquerda da NP objeto plural a que se associa.

Com o objetivo de verificar a possível adequação da hipótese de Kayne para o português, procuramos, em seguida, no capítulo 2, estabelecer um paralelo entre tous/todos. E depois de explorar os casos relevantes, chegamos a duas conclusões: em português, o quantificador todos pode também mudar de posição, deslocando-se para a direita de sua NP, através de uma regra de movimento semelhante a R-TOUS e que convencionamos denominar POSPOSIÇÃO DE QUANTIFICADOR (POS-Q); não encontramos, no entanto, motivação alguma para postular uma regra como L-TOUS em português, uma vez que todos não parece movimentar-se para a esquerda de sua posição original.

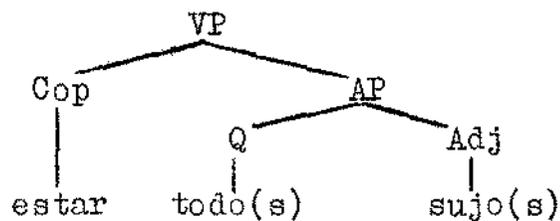
Já no capítulo 3, comprovamos a necessidade de adaptar a proposta de Kayne, refinando-a em certos aspectos, para que se pudesse dar cobertura a fatos do português envolvendo todos, não correspondentes aos comentados na língua francesa. Preocupamo-nos, assim, em explorar dados adicionais do português, para chegar a uma tentativa de formalização de POS-Q, apontando suas principais características, de modo a dar conta da distribuição de todos, associado a NP's plurais, em sentenças da língua.

No capítulo 4, foram ainda considerados outros pontos referentes ao elemento em estudo, mostrando-se diferenças semânticas relacionadas a diferenças de comportamento sintático de todos. Em função da análise de tais pontos, terminamos por apresentar uma sugestão quanto às possibilidades de derivação de todo(s) em estruturas subjacentes. Assim, chegamos a:

I- O quantificador todos poderá ser gerado como parte da estrutura do determinante de NP's plu -

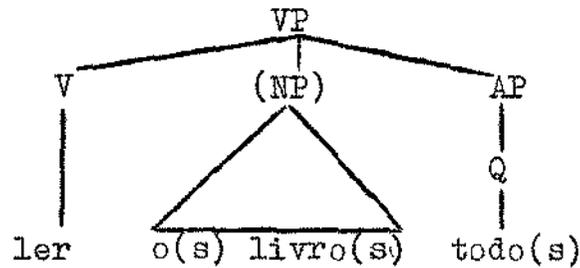
formações, tais como Tensed-S, Sujeito especificado lexicamente, A-sobre-A, etc. Verificar de que maneira POS-Q se comporta, com relação a estes princípios gerais, será um trabalho interessante, que poderá levar, inclusive, a uma reformulação da regra que postulamos.

II- O item todo(s) pode aparecer também acompanhando adjetivos. Sua significação, neste caso, é a de 'inteiramente, completamente'. Como uma sugestão, levantamos a hipótese de que ele seja gerado em português sob o nóculo AP, por sua vez dominado por VP. Assim, teríamos a seguinte caracterização:



Note-se que este elemento tem também a forma no singular, o que não acontece com o quantificador parte do determinante de NP's, que deverá estar sempre no plural, para traduzir a noção de 'totalidade, conjunto'. Além disto, comprovamos o facto de que este todo(s) gerado sob AP, acompanhando adjetivos, não sofre a aplicação de qualquer regra de movimento, quer para a direita, quer para a esquerda, devendo permanecer em sua posição fixa, na sentença.

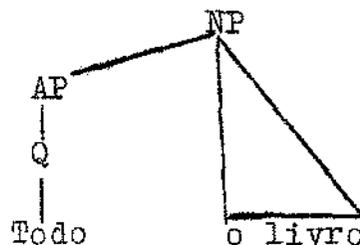
III- Todo(s) pode também relacionar-se a verbos, significando 'inteiramente, completamente'. Sugerimos que ele seja gerado sob AP, por sua vez pertencente ao nóculo VP, como na estrutura seguinte:



Observe-se a semelhança entre esta estrutura e a que postulamos em II, para o todo(s) que acompanha adjetivos. Tal semelhança encontra justificativa no fato de que ambos, além de ter a mesma significação - 'inteiramente, completamente' -, comportam-se de modo igual, quanto às possibilidades de deslocamento: não podem mover-se de sua posição inicial, nem para a esquerda, nem para a direita.

Foram encontrados alguns problemas, admitindo-se como correta a caracterização acima, para explicar a distribuição do elemento em algumas estruturas da língua. Numa tentativa de solucionar tais questões, sugerimos a hipótese de que a interpretação semântica de sentenças com quantificadores seja feita não apenas na estrutura profunda, mas também na superficial, adotando-se, então, o ponto de vista de Chomsky em seu trabalho "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation".

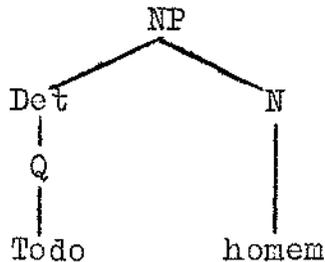
IV- Há um todo, cuja forma é sempre singular e que aparece fazendo parte de NP's. Tem como significação: 'inteiro'. Postulamos, como hipótese, que também, seja gerado sob AP, desta forma:



Ele pode mover-se para a direita, apenas dentro da NP a que pertence. Note-se que, neste caso,

o nódulo AP é dominado por NP e não por VP, como em II e III. Assim se justificariam, possivelmente, as diferenças de comportamento entre este item e os que apontamos em II e III, também gerados sob AP.

V- Existe ainda um todo que faz parte de NP's. Também admite apenas a forma singular. Sua significação é a de 'qualquer'. Seria gerado como em:



Veja-se que ele ocupa a mesma posição do artigo ou de outros determinantes do tipo, com os quais não pode, portanto, ocorrer. Como consequência, não muda de lugar na sentença.

De tudo o que foi visto acima, ressaltamos duas conclusões mais importantes:

A- Constatamos que, em português, todos, parte da estrutura do determinante de NP's plurais, move-se para a direita da posição em que aparece na estrutura subjacente. Pretendendo dar conta de sentenças em que se dá este deslocamento, postulamos uma regra de movimento do quantificador para a direita, a que chamamos POS-Q e que procuramos caracterizar.

B- Depois da análise de outros fatos relevantes, envolvendo o item em questão, acabamos por reconhecer o relacionamento estreito entre comportamento sintático e interpretação semântica de todo(s). E isto poderia ser visto como um argumento em favor da existência do nível de 'estrutura profunda', proposta na 'teoria, standard'.

BIBLIOGRAFIA

- Ali, M. Said (1969) Gramática Secundária da Língua Portuguesa, Melhoramentos, São Paulo.
- Dificuldades da Língua Portuguesa, Acadêmica, Rio.
- Bechara, Evanildo (1966) Moderna Gramática Portuguesa, Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- Bowers, John (1970) "Adjectives and Adverbs in English", M.I.T., inédito. Reproduced by Indiana University Linguistic Club, Dec. (1971).
- Câmara, J. Mattoso (1964) Dicionário de Filologia e Gramática, J. Ozon Ed., Rio.
- (1964) Princípios de Linguística Geral, Acadêmica, Rio.
- (1969) Problemas de Linguística Descritiva, Vozes, Petrópolis.
- (1970) Estrutura da Língua Portuguesa, Vozes, Petrópolis.
- Chomsky, Noam (1968) Syntactic Structures, Mouton, Paris.
- (1965) Aspects of the Theory of Syntax, The M.I.T. Press, Cambridge, Mass.
- (1970) Current Issues in Linguistic Theory, Mouton, Paris.

- (1972) Language and Mind, Harcourt Brace, New York.
- (1972) Linguística Cartesiana, Vozes, Petrópolis.
- (1971) "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation", in Steinberg, D. D. and Jakobovits, L.A., eds. (1971) Semantics: an Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology, Cambridge University Press, Cambridge, Mass. p. 183-236.
- Chomsky et alii (1970) Novas Perspectivas Linguísticas, Vozes, Petrópolis.
- Cunha, Celso (1970) Gramática do Português Contemporâneo, Bernardo Álvares, Belo Horizonte.
- Jacobs, R.A. and Rosenbaum, P. S. (1968) English Transformational Grammar, Blaisdell, Waltham, Mass.
- Kayne, Richard (1969) The Transformational Cycle in French Syntax, The M.I.T. Press, Cambridge, Mass. Ph. D. Dissertation.
- Kury, Adriano da Gama (1964) Pequena Gramática ; Para a Explicação da Nova Nomenclatura Gramatical, Agir, Rio.
- Lima, C.H. da Rocha (1973) Gramática Normativa da Língua Portuguesa, José Olympio, Rio.
- Luft, Celso Pedro (1967) Gramática Resumida, Globo, Porto Alegre.
- Melo, Gladstone Chaves de (1968) Gramática Fundamental da Língua Portuguesa, Acadêmica, Rio.

Postal, Paul (1968) "Epilogue", in Jacobs and Rosenbaum (1968)

----- (1969) "Underlying and Superficial Linguistic Structure", in Reibel and Schane, eds. (1969) Modern Studies in English, Prentice-Hall, Englewood-Cliffs.

Quicoli, A. G. (1972) Aspects of Portuguese Complementation, SUNY/Buffalo. Ph. D. Dissertation.

Rosenbaum, P. (1970) "A Principle Governing Deletion in English Sentential Complementation", in Jacobs and Rosenbaum, eds. (1970) Readings in English Transformational Grammar, Ginn, Waltham, Mass.

----- (1968) The Grammar of English Predicate Complement Constructions, The M.I.T., Press, Cambridge, Mass.